



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas

2017

**Augusto Fernando
Nombora**

**Semântica dos verbos Ir vs Vir e Levar vs Trazer no
Português de Moçambique**



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas

2017

**Augusto Fernando
Nombora**

**Semântica dos verbos Ir vs Vir e Levar vs Trazer no
Português de Moçambique**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Língua Portuguesa e Literaturas de Expressão Portuguesa, realizada sob orientação científica do Prof. Doutor. António Moreno, Professor Doutor do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedicatória

Aos meus filhos.

Busquem inspiração no que for proveitoso para a vossa vida e, voem mais altos!

Ao meu pai **Zacarias Chirindzane** e meu avô **Nombora Ngalengale**, que Deus Os tenha em Sua Glória.

Humulani hiku rhula Hosini!

o júri

Presidente	Professor Doutor Alexandre Cardoso Pereira, Professou Auxiliar da Universidade de Aveiro
Vogal	Professor Doutor Nobre Roque Santos, Reitor da Universidade Zambeze (UniZambeze).
Arguente	Professora Doutora Sara Topete de oliveira Pita, Professora Adjunta Convidada da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda da Universidade de Aveiro.
Orientador	Professor Doutor António Barreira Moreno, Professor Auxiliar da Univesidade de Aveiro.

Agradecimentos

A Deus, pelo dom da vida, saúde e providência.

Ao projecto Pensas, que nos proporcionou a oportunidade desta formação. Especial gratidão ao Prof. Doutor António Moreno pelo acompanhamento e orientação ao longo do processo da elaboração deste trabalho, e a todos os Professores: Morais, Torrão, Ferreira, Pereira e Isabel, que nos acompanharam com zelo e profissionalismo transmitiram-nos as bases para a aprendizagem científica.

Agradeço igualmente ao Doutor Martins Mapera, que generosamente nos deu a conhecer da existência do projecto pensas que financiava a formação para docentes em Moçambique, a nível de especialização e mestrado.

À minha companheira da vida Lulu, pelo grande coração de esposa e mãe que tem, sempre aberta a afagar os momentos menos briosos.

À minha mãe Felismina Nombora e à minha avó Amélia Hamela minhas iniciantes do caminho à escola e minha tia Rosita Inchangozi que me acolheu e me educou como filho. **Na bonga ngutu. Ci Dzimu cina mininge wutomi.**

A todos os colegas da jornada, especialmente: Horácio Mucivame, Rita Alberto, Júlio Mbabamba (em memória), Jaime Maoze, Paulo Sexto e Carlos Massango pelo companheirismo e amizade que me emprestaram durante a formação.

palavras-chave

Verbos de deslocação, Interpretação semântica, Desvio, Português de Moçambique, Português Padrão.

resumo

A dissertação, que ora se apresenta, é um estudo descritivo-comparativo em língua portuguesa, cujo título é *Semântica dos verbos Ir vs Vir e Levar vs Trazer, no Português de Moçambique*. Comporta cinco capítulos.

O primeiro, constituído pela introdução, no qual se anuncia o tema, a relevância do estudo, as razões que despertaram interesse para realizar o estudo. Este é relevante, considerando que o Português em Moçambique é língua segunda da maioria dos seus usuários e aprenderam o em contexto de ensino, em que para os próprios instrutores igualmente é L2. Além destes, também em falantes com elevado nível de escolaridade tem-se constatado tendência à mudança semântica dos verbos em estudo. Este contexto de ensino aprendizagem e uso da língua portuguesa tem propiciado a disseminação de algumas irregularidades, como a violação de propriedades de selecção categorial, inversão ou mudança da interpretação semântica de algumas unidades lexicais.

Igualmente, o estudo poderá ser ferramenta para os “professores” de ensino da língua portuguesa considerando que o conhecimento das causas da produção de certas estruturas anómalas pode ajudá-los a adoptar estratégias de ensino apropriadas para cada situação.

A pesquisa preconiza analisar a semântica dos verbos de movimento *ir vs Vir* e *Levar vs Trazer* no Português falado em Moçambique; interpretar a semântica dos verbos de movimento no Português padrão; relacionar semanticamente os verbos em estudo no Português com os correspondentes nas línguas bantu; descrever os factores que concorrem para a mudança da interpretação semântica dos verbos em estudo, no Português falado em Moçambique, entre outros objectivos.

No segundo capítulo, referiu-se à metodologia seguida para a recolha de dados obtidos através de um questionário respondido por 40 informantes falantes da língua portuguesa e de línguas bantu, entre estudantes do nível médio técnico profissional na especialidade de técnicos de contas e outros do nível superior cursantes de Gestão de Mercados Turísticos, informação turística e Gestão, este último em regime pós laboral.

Da análise aos dados verificou-se que o desvio semântico dos verbos *levar vs trazer* no Português falado em Moçambique deve-se ao facto de nas línguas bantu analisadas nesta pesquisa o verbo *kuteka* corresponder em simultâneo a levar e trazer em língua portuguesa. Assim, nestas línguas bantu a sua distinção semântica procede do contexto em que o verbo (*kuteka*) ocorre. Daí que os aprendentes do Português inconscientemente transferem os traços deste verbo nas suas línguas maternas para o Português língua segunda, o que confirma uma das conjecturas iniciais.

O terceiro capítulo foi dedicado à revisão da literatura e discussão de alguns conceitos constantes do acervo bibliográfico disponível sobre o tema ou com ele relacionado, e que constitui suporte para o processo de análise e interpretação de dados realizado no capítulo quarto, tomando como variáveis de enfoque a idade dos inquiridos, sua língua materna, a língua que falam com mais frequência e o grau de instrução dos pais.

O quinto e último capítulo trata das conclusões e recomendações do estudo, tendo em consideração a análise e interpretação dos dados, na qual se concluiu que, condicionado pelo intenso contacto entre a língua portuguesa e as línguas bantu em Moçambique, os verbos *Ir vs Vir* e *Levar vs Trazer* no Português de Moçambique tendem a assumir um valor semântico diferente do que têm no Português padrão. Assim, foi confirmada a hipótese, segundo a qual, *no processo de aprendizagem do português, os aprendentes transferem alguns traços dos verbos das respectivas línguas maternas bantu, para o Português. O contacto entre o Português e as línguas bantu faladas pela maioria de indivíduos que têm a língua portuguesa como L2 não é em si, factor para a mudança semântica dos verbos em análise.* O estudo, provou que o contacto entre estas concorre sim, para a mudança semântica dos verbos analisados.

keywords

Dislocation verbs, Semantic interpretation, Language deviation, Mozambique Portuguese, Standard Portuguese.

abstract

This dissertation is a descriptive-comparative in Portuguese language, with the theme *Semantic of verbs Go vs. Come and Take vs. Bring in Mozambican Portuguese*. It encapsulates five chapters.

The first one is made with the introduction, in which is presented the theme the relevance do the study, the reasons that drew the interest for the research,. It is relevant considering that Portuguese in Mozambique is second language for the majority of those who use it they have learnt it in context where this is also L2 for the teachers. Apart from that, the users with high education level it's noticed the tending to semantic change os verbs in this research. This learning context and language use it leads to the dissemination of some irregularities, inversion or change of semantic interpretation of some lexical unities.

In the second chapter, was referred the methodology followed by data collection in which the research was based, through a questionnaire answered by respondents of users of Portuguese and Bantu languages, between students of high school and accountant trainers and others undergraduates in the courses of tourist market management. From data analysis it was noticed that the semantic deviation of verbs "levar" vs "trazer" (take vs bring) in Mozambican spoken Portuguese is due to the fact that in bantu languages verb "kuteka" corresponding simultaneously to "levar" and "trazer". Therefore, in bantu language it's semantic distinction proceeds in the context in which verb "Kuteka" occurs. That's why the learners of Portuguese unconsciously transfer the trace of this verbs in their mother tongue to Portuguese L2, which confirms one of the hypothesis of this study. The third chapter was dedicated to literary review and discussion of some concepts found in bibliographic collection available about the theme or related to it, and which constitutes a support for the analysis process and data presentation done in chapter four, taken as viable of focus the age of the participants, their mother tongue their frequently spoken languages and the instruction level of their parents.

The fifth and last chapter deals with the conclusions and recommendations of the study, taking into consideration the analysis and data interpretation, in which it is concluded that, conditioned by the intense contract between Portuguese language and bantu languages in Mozambique, verbs Go vs. Come and Take vs. Bring in Mozambican Portuguese, they tend to assume a different semantic value than what is found in standard English. Therefore, it was confirmed the hypothesis, thought which, *the Portuguese language learning process, the learners transfer some pieces of verbs of their respective bantu mother tongue to Portuguese*. It is proven the opposite of the hypothesis 1, that is, dismisses, that which predicted tried refuse that *the contract between Portuguese and bantu languages spoken by the majority of people who have Portuguese language as L2 is not by itself, the factor for the semantic change of verbs in analysis*. The study has proven that the contract between these occurs for the analyzed verbs semantic change.

Índice

Resumo.....	7
1º Capítulo	9
1.1 Introdução.....	9
1.2 Relevância do trabalho.....	10
1.3 Objectivos.....	11
1.3.1 Objectivos gerais.....	11
1.3.2 Objectivos específicos.....	12
2º Capítulo.....	13
2.1 Metodologia de recolha e análise de dados	13
2.2 Problematização.....	14
2.3 Hipótese.....	14
2.4 Língua em estudo.....	15
2.5 Educação e o uso de línguas maternas em Moçambique.....	18
2.6 As línguas bantu em Moçambique.....	20
2.6.1 Características das línguas bantu	21
2.6.2 Classes Nominais	21
3º Capítulo	28
3.1 Revisão da Literatura e Discussão de Conceitos.....	28
3.2 Estrutura do verbo no Português.....	28
3.3 Os verbos nas línguas bantu.....	28
2.4 Classificação dos verbos	34
3.5 Regência	38
3.6 Padrões oracionais e classificação dos verbos	43
4º Capítulo	45
4.1 Análise e Interpretação de Dados	45
4.2 Análise Comparativa da variável “nível académico” com o “uso incorrecto dos verbos”	54
5º Capítulo	61
5.1 Conclusão	61
5.2 Recomendações	62

Bibliografia	64
Apêndices	68

Lista de abreviaturas

L1 = Primeira Língua

L2 = Segunda língua

LM = Língua materna

LB = Língua Bantu

LP = Língua Portuguesa

PE = Português Europeu

PM = Português de Moçambique

SN = Sintagma nominal

OD = Objecto directo

OI = Objecto indirecto

CCL = complemento circunstancial de lugar

MO= Marca de objecto

MS = Marca de sujeito

1º Capítulo

1.1 Introdução

O conhecimento da gramática de uma língua dá conta de um conjunto de regras de selecção lexical compatíveis com uma determinada construção sintáctica assim como das restrições que podem advir da não observância das propriedades de selecção dos itens lexicais envolvidos na estrutura da frase. O Português (língua de estudo neste trabalho) tem as suas normas no que diz respeito ao emprego dos verbos, em particular os de deslocação.

As regras de selecção sintáctica podem ser afectadas por factores de natureza sociolinguística, ou por factores ligados a diversas práticas discursivas resultantes do contacto entre línguas. É nesta perspectiva que o presente trabalho de conclusão do curso de mestrado em Língua Portuguesa e Literaturas de Expressão Portuguesa, cujo título é *Semântica dos Verbos Ir/Vir e Levar/Trazer no Português de Moçambique*, pretende identificar, relacionar, interpretar e descrever as causas do uso inadequado ou desviante daqueles verbos de movimento, no Português falado em Moçambique.

No período pós-independência de Moçambique o Português falado neste país, está passando por algumas transformações dada a “massificação” do uso deste idioma, estimulado pelo maior acesso dos cidadãos ao ensino.

Moçambique é um dos países que tem o Português como língua oficial mas, com um mosaico linguístico bastante heterogéneo. Muitas das línguas faladas neste espaço geográfico como línguas maternas de muitos moçambicanos são da família bantu e são as mais usadas na comunicação do dia-a-dia e na afirmação dos seus valores culturais. Segundo dados do censo populacional 2007, a população absoluta de Moçambique era de 20.632.434 habitantes, dos quais somente 10,7% tem o Português como língua materna. Existe também um considerável número de indivíduos cuja língua materna não é o Português nem nenhuma das línguas bantu, mas sim, algumas línguas asiáticas. Este mosaico linguístico é até certa medida, um obstáculo à afirmação do Português em Moçambique como língua oficial, regida por regras da norma padrão de acordo com o Português Europeu (PE).

Como se referiu anteriormente, no âmbito da diversidade linguística que caracteriza Moçambique, a grande maioria do seu povo é falante de línguas bantu como línguas maternas, e o Português aprende-o como língua segunda, em certos casos até como terceira, em contexto formal de instrução. Estas condições de aprendizagem propiciam de alguma forma construções sintácticas inadequadas ou desviantes na perspectiva do Português padrão.

Assim, para a operacionalização deste trabalho propõe-se identificar, relacionar, interpretar e descrever as possíveis causas ou factores da violação da norma quanto ao uso dos verbos de movimento referidos. Todavia, tem-se a consciência de que o estudo é realizado por um falante do Português aprendido em contexto de instrução, isto é, língua segunda e por conseguinte, susceptível de cometer alguns desvios em relação à norma. Como refere Stroud & Gonçalves (1997:9)

“Numa sociedade do tipo da moçambicana, a variedade alvo escolhida como norma pedagógica não é congruente com a norma que é usada pela maioria dos falantes (...) a norma que se pretende seja do domínio dos falantes (...) o Português europeu, raramente é a variedade que eles têm como *input* diário”.

1.2 Relevância do trabalho

Como se tem vindo a referir, a língua Portuguesa em Moçambique (PM) é para a maioria dos que a falam uma língua segunda, aprendida em contexto de instrução e, não poucas vezes, os respectivos instrutores também a têm como segunda. Este contexto de ensino aprendizagem tem propiciado algumas irregularidades gramaticais, tais como a violação de propriedades de selecção categorial, inversão ou mudança da interpretação semântica de algumas palavras, do ponto de vista do Português padrão ou europeu.

Também se tem em atenção que o conhecimento das causas da produção de certas estruturas frásicas anómalas é de crucial importância para os professores, em particular, para os de línguas, neste caso, de língua Portuguesa, de modo a adoptarem estratégias de ensino adequadas a cada situação. Bem assim, para a interpretação dos fenómenos que concorrem para a variação do Português, no caso concreto em Moçambique, julga-se que pode ser de grande valia o seu estudo.

No dia-a-dia do uso desta língua em Moçambique, em particular na cidade de Inhambane, ponto onde se realiza este trabalho, e a da Maxixe, que dista da primeira apenas uns vinte minutos de barco, quer em contextos formais de ensino, quer em informais, por aprendentes iniciantes e por indivíduos com aceitável nível de escolarização, se tem constatado alguma irregularidade quanto à interpretação semântica dada aos verbos “*ir*” vs “*vir*” e “*levar*” vs “*trazer*”, que se manifesta através de construções frásicas em que os referidos verbos são realizados, como a seguir se ilustra:

1. João: A que horas prometes **vir** à minha casa?

2. Samuel: * **Venho** daqui há 3 horas.

Ao invés de:

3. João: A que horas prometes **vir** a minha casa?

4. **Vou** daqui há 3 horas.

5. * Quando saíres da escola passa por casa da Marta **levar** o pano de mesa que está lá há dias.

No lugar de:

6. Quando saíres da escola passa por casa da Marta **trazer** o pano de mesa que está lá há dias.

Estando o Português em convivência com diversas línguas bantu (LB) que são as maternas dos aprendentes e falantes do Português na condição de L2, pretende-se, com este trabalho, compreender se o uso indevido dos verbos se deve ou não à partilha do mesmo espaço geográfico entre aquelas e o Português, exercendo as línguas bantu, alguma influência na interpretação semântica dada aos referidos verbos.

A realização deste estudo, enquadra-se numa investigação mais ampla de vários linguistas, que têm levado a cabo uma busca de subsídios que possam ajudar a entender se o Português que se fala em Moçambique é uma variante em potência que se está gerando observando regras morfológicas e semânticas consentâneas com a norma, o Português Europeu (PE), ou se emerge partindo de desvios ou erro de uso.

1.3 Objectivos

Para o presente trabalho definiu-se como fins a atingir os seguintes:

1.3.1 Objectivos gerais:

a) Analisar a semântica dos verbos de movimento *ir* vs *vir* e *levar* vs *trazer* no Português falado em Moçambique;

b) aprofundar as bases que sustentam a proposta que defende o surgimento de uma variante do Português típico de Moçambique;

1.3.2 Objectivos específicos:

- a) Identificar os verbos de movimento do Português;
- b) identificar os verbos de movimento nas línguas bantu;
- c) interpretar o uso dos verbos de deslocação *Ir/Vir e levar/ trazer* no Português padrão;
- d) relacionar semanticamente os verbos em estudo no Português com os correspondentes nas línguas bantu;
- e) identificar as causas do uso desviante dos verbos de *ir vs vir e levar vs trazer* no Português falado em Moçambique;
- f) descrever os factores que concorrem para a mudança da interpretação semântica dos verbos de movimento *ir vs vir e levar vs trazer* Português falado em Moçambique;
- g) descrever o uso dos verbos em alusão no Português falado em Moçambique.

Estes, são os objectivos que se pretende alcançar ao realizar o presente trabalho de dissertação.

De seguida, passa-se a discorrer sobre as metodologias que serviram de suporte para a elaboração do trabalho.

2º Capítulo

2.1 Metodologia de recolha e análise de dados

A presente pesquisa, quanto à sua natureza, caracteriza-se por ser teórico-empírica, pois se procedeu à recolha de dados através de trabalho de campo, administrando um questionário dirigido à população alvo, que consistiu no preenchimento de alguns espaços em branco recorrendo aos verbos pré-indicados.

Para a elaboração do questionário tomou-se em atenção a realização dos verbos em estudo no quotidiano dos falantes, pois foi neste contexto que se constatou da ocorrência de uma realização semântica não comum no Português europeu. A Produção deste decorreu em 2015 e aplicado aos visados durante a leção da cadeira de Técnicas de Expressão.

No mesmo questionário fez-se o levantamento do perfil sociolinguístico dos informantes em observação, através de uma ficha facultada pelos Professores no decurso das aulas presenciais do mestrado.

Analizados os objectivos pretendidos com a realização desta pesquisa, esta se enquadra no conjunto de pesquisas descritivo-explicativas, pois a sua efectivação consiste na descrição e explicação dos dados linguísticos que caracterizam as línguas que configuram os fenómenos em análise no trabalho.

Dada a natureza da própria pesquisa, adoptou-se o método indutivo para determinar o alcance dos resultados, na medida em que, como ponto de partida, foram apresentados elementos linguísticos particulares que permitem que se generalizem as constatações de relevo a que se chegou, para confirmarem a veracidade dos factos (Gil, 1999).

A análise foi através de uma tabela produzida para o efeito, na qual cruzaram-se as variáveis eleitas (idade, Língua materna, língua usada com frequência em casa e o grau de instrução dos pais)

O método em apreço, permitiu a observação dos fenómenos linguísticos que ocorrem nas LB por um lado, e na LP por outro. Posteriormente, procedeu-se à comparação dos dados constatados nas línguas em referência, chegando-se às conclusões aqui apresentadas.

Para a obtenção dos dados elaborou-se um questionário escrito, o qual foi respondido por um universo de 40 falantes, entre estudantes do nível médio técnico profissional, na especialidade de técnicos de contas; estudantes a frequentarem no nível superior os cursos de Gestão (em regime pós laboral), Gestão de Mercados turísticos e Informação Turística (regime laboral), os quais representam a amostra no presente trabalho.

O suporte teórico para a análise e interpretação de dados é o acervo de literatura disponível que discute vários aspectos relacionados com o tema ou afins.

2.2 Problematização

No uso da língua portuguesa em Moçambique por falantes que a têm como língua materna ou como língua segunda com diferentes níveis de escolaridade, do básico ao superior, tem-se constatado uma certa estranheza ou tendência à mudança sintático-semântica. Esta constatação despertou interesse, pois entendeu-se estar em evidência um problema linguístico, o qual deve ser analisado, procurando entender a que se deve tal tendência linguística. Consideramo-lo uma situação para a qual se deve encontrar uma solução (Martins, 1999), por outras palavras, pode ser uma dificuldade teórica ou prática no conhecimento para a qual se deve encontrar uma solução (Marconi e Lakatos, 2007).

Para orientação da pesquisa formularam-se as seguintes questões de pesquisa:

P1- Que factores concorrem para a mudança da interpretação semântica dos verbos de movimento “ir” vs “vir” e “levar” vs “trazer” no Português falado em Moçambique.

P2- Até que ponto a mudança da interpretação semântica dos verbos de movimento ir vs vir e levar vs trazer no Português falado em Moçambique se deve ao contacto entre este com as línguas autóctones de origem bantu?

2.3 Hipóteses

Considerando o pressuposto de que a maioria dos falantes do Português em Moçambique tem uma língua bantu como materna e só depois, em idade escolar, entra em contacto com o Português, é natural que:

H1 – no processo de aprendizagem do Português, os aprendentes transferem alguns traços dos verbos das respectivas línguas maternas com interpretação semântica aproximada para o Português, língua segunda. Esses traços, por fossilização ou frequência de uso, passam a fazer parte do Português por estes falado;

H2- o contacto entre as línguas bantu faladas pela maioria de indivíduos que têm a língua Portuguesa como L2 não é em si factor para a mudança semântica dos verbos em análise. Esta poderá resultar de alguns desvios típicos que caracterizam a génese de uma nova variante de Português em Moçambique, ainda carente de padronização.

2.4 A Língua em estudo

O Português é uma das línguas que como o Espanhol, o Italiano e Romeno entre outras, tem a sua origem no Latim. O Português distingue-se daquelas outras por emergir das bases do Latim que numa primeira fase era somente falado na península Ibérica. Esta variante do Latim adquiriu características fonéticas próprias que “nos permitem identificá-la como estágio primitivo da língua portuguesa” (Mateus *et al* 1989: 25).

O Português é produto da variação do Latim. Com o decorrer do tempo, a língua emergente (Português) foi também sofrendo sucessivas metamorfoses que se dividem conforme refere Mateus *et al* (1989) em quatro períodos:

- Português antigo, cuja vigência coincide com as primeiras formas escritas deste até ao final do século XIV;
- Português médio, falado durante todo o século XV;
- Português clássico que vigorou até meados do século XVIII;
- Português moderno, falado a partir do século XVIII.

Mateus *et al* (*idem*) refere ainda que foi no período entre o Português antigo e o médio que se iniciou a separação do Português e do galego, e mais tarde, na transição entre o português clássico e o moderno surge uma nova variante, a do português brasileiro.

Mateus *et al* (1989) refere também que entre os séculos XVI e XVII além de ser falado no Brasil, o Português igualmente era veículo de comunicação na faixa costeira africana como língua geral e língua franca (Indo-Português e Malaio- Português) nos portos da Índia e Sudeste asiático.

Em Moçambique, o processo de implantação da língua portuguesa ganhou mais ímpeto após a concordata de Berlim em 1885, assinada entre as potências coloniais. Neste período as autoridades portuguesas encetaram várias reformas que visavam a sua afirmação como potência colonizadora, e em 1902, a cidade de Lourenço Marques, actual Maputo, foi “eleita” capital da colónia (Newitt 1995:382 citado por Firmino, 2005). Foi neste período que começaram a visualizar-se os primeiros sinais do uso do Português por parte da população africana em Moçambique, (Penvenne 1992 *idem* 2005). Os africanos eram recrutados, submetidos a uma instrução e formação básicas para servirem as instituições burocráticas e comerciais em florescimento. Estes, já como servidores, ascenderam a uma condição social relativamente estável.

“Assim, durante o período anterior à independência a aquisição do Português pela população africana foi primariamente motivada pela posição que a língua mantinha aos sistemas ideológicos e sócio económicos coloniais”. Por conseguinte, grande parte da população africana esteve vetada à aprendizagem daquela língua, e, por consequência, aquando da independência de Moçambique, o Português era apenas parte do repertório linguístico de uma minoria de moçambicanos concentrados nas zonas urbanas” (Firmino, 2005)

Actualmente, o Português é língua nacional em Portugal e no Brasil, e tem estatuto de língua oficial em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe e Macau.

O conceito de língua nacional, estatuto conquistado pelo Português quer em Portugal quer no Brasil, pode ser definido sob dois prismas. Pode ser designada língua nacional se esta expressão estiver associada à reivindicação nacionalista de autenticidade de origem da língua em causa, ou se se quiser fazer alusão à sua abrangência ou cobertura territorial (Lopes, 1997).

No caso específico de Portugal as duas definições podem ser aceites. Mas para o caso do Brasil apenas deve ser entendido como língua nacional a língua portuguesa devido ao seu uso como instrumento de comunicação em todo o território brasileiro e não do ponto de vista da reivindicação da origem.

Em relação aos países africanos anteriormente referidos, o Português tem falantes um pouco pelos respectivos territórios nacionais mas sem cobertura, total pois a maioria da população destes é falante de línguas autóctones ou crioulos e não a língua portuguesa. Estas também não cobrem a totalidade do território nacional. Por isso, quanto à dimensão territorial, não podem ser classificadas como nacionais, nem tão pouco o Português.

Este, para além de ser dominado por uma minoria, que graças a este facto tem maiores oportunidades para a ascensão político-social, é língua de uso institucional, língua do governo para o exercício de todas as funções de estado, sendo, por isso, designada língua oficial.

Do ponto de vista político ou ideológico, o Português em Moçambique além de oficial é também língua de unidade nacional, com funções diversas em ambientes formais em que se cruzam indivíduos de diferentes línguas maternas, mutuamente ininteligíveis.

A adopção do Português como língua oficial deveu-se à percepção que se tinha e se tem, de que esta é vital para o funcionamento das instituições a vários níveis no então recém-proclamado estado (em 1975). Outro factor que concorreu para a sua adopção tem a ver com a facilitação para a integração de Moçambique no sistema económico internacional (Firmino, 2005). Pese embora as línguas bantu não tenham projecção nacional e uso oficial e institucional, existe alguma preocupação em valorizá-las através da sua utilização em actos religiosos, meios de comunicação social, como a rádio, televisão pública e em alguma imprensa escrita, além da sua utilização nas classes iniciais de escolarização em ensino bilingue, para introduzir à aprendizagem: grande parte das crianças que apenas entra em contacto com a língua portuguesa na escola.

As políticas educacionais adoptadas pelo governo pós-independência permitiram que considerável extracto populacional falasse actualmente o Português com alguma propriedade, dependendo do grau de instrução alcançado. Todavia, o uso desta língua mesmo entre os mais letrados é deveras diferente do uso pela parte dos falantes da terra nativa.

Em Moçambique, o Português é simbolicamente considerado língua da cidade, pois é neste espaço onde tem um crescente universo de falantes, e onde permite significativa mobilidade social, económica e fundamentalmente política aos cidadãos.

Dada a projecção ou ascensão que ele propicia a quem o fala com alguma competência, nos últimos tempos tem-se constatado que mais indivíduos, mesmo os que não frequentaram o ensino institucional, procuram aprendê-lo informalmente, para não se sentirem muito à periferia ou marginalizados nos “esquemas” da vida urbana. A aprendizagem desta, fora dos compêndios que ditam os formalismos para o seu bom uso, entendemos que concorre para a fossilização dos desvios que se afirmam como gérmen do PM.

2.5 Educação e o uso de línguas maternas em Moçambique

Proclamada a independência de Moçambique, as políticas adotadas pelo recém-proclamado estado permitiram massificar o ensino, o que se refletiu no acesso dos cidadãos à instrução a diversos níveis.

Os resultados do censo populacional 2007 indicam que 50,3% da população na idade de 15 anos e mais, não tem habilidades na escrita nem na leitura. Por sua vez, a taxa de analfabetismo varia de acordo com a idade e sexo. Esta é menor nas idades mais jovens, dado que na actualidade há facilidade de acesso à escola em relação ao passado. Quanto à escolaridade em função do género, o índice de analfabetismo é mais expressivo no sexo feminino. Provavelmente, por razões culturais e pelas “prioridades para a instrução estabelecida pelos progenitores” que dão primazia aos filhos “em detrimento das filhas” (INE RGPH, 2007).

Analisando os dados dos censos (1997 e 2007), constata-se que houve uma redução da população sem nenhum nível de instrução, de 78,4% em 1997, passou a 74,8% no último censo. Quanto ao censo de 2007 os dados atinentes a línguas faladas no país como maternas, elucidam que o Emakhuwa é a materna com maior número de falantes, com um total de 23,3%. O Português, ocupa o segundo lugar, com considerável número de falantes em população com idade inferior a 20 anos, e o Xichangana na posição seguinte com 10,3%. Todavia, na faixa etária dos 20 anos e mais, Xichangana tem ligeira ascendência de falantes maternos. Vide o quadro 1:

QUADRO 1: PERCENTAGEM DA POPULAÇÃO DE 5 ANOS E MAIS POR GRANDES GRUPOS DE IDADE SEGUNDO A LÍNGUA MATERNA. MOÇAMBIQUE, 2007

Língua materna	Total	Grupos de idade		
		5-19	20-49	50+
N	16,342,890	7,512,766	6,993,082	1,837,042
Total	100.0	100.0	100.0	100.0
Português	10.7	13.4	9.7	3.8
Emakhuwa	25.3	24.6	26.1	25.0
Xichangana	10.3	9.6	10.4	13.1
Elomwe	7.0	7.0	7.2	6.3
Cisena	7.5	7.8	7.3	7.4
Echuwabo	5.1	4.7	5.5	5.2
Outras Línguas Moçambicanas (Bantu)	30.1	29.1	29.7	35.7
Outras Línguas Estrangeiras	0.3	0.2	0.3	0.3
Nenhuma	0.0	0.0	0.0	0.0
Desconhecida	3.7	3.7	3.7	3.2

Fonte: INE, RGPH Moçambique, (2007: 32-33)

Outro dado importante quanto às línguas maternas que os falantes usam com maior frequência, há a referir que de forma geral, “não é frequente nos usuários a adopção de uma língua diferente da materna, para a comunicação em casa” (INE, RGPH Moçambique 2007:32) como se dá a observar no quadro 2, a seguir.

QUADRO 2: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO DE 5 ANOS E MAIS POR GRANDES GRUPOS DE IDADE SEGUNDO A LÍNGUA QUE FALA COM MAIS FREQUÊNCIA EM CASA. MOÇAMBIQUE, 2007

Língua que fala com mais frequência em casa	Total	Grupos de idade		
		5-19	20-49	50+
N	16,343,493	7,512,832	6,993,467	1,837,194
Total	100.0	100.0	100.0	100.0

Português	12.8	13.0	14.2	6.2
Emakhuwa	25.4	25.0	26.0	25.0
Xichangana	10.5	10.0	10.2	13.3
Elomwe	6.9	7.1	7.0	6.1
Cisena	7.2	7.6	6.7	7.1
Echuwabo	4.5	4.4	4.6	4.7
Outras Línguas Moçambicanas (Bantu)	28.9	29.0	27.4	34.2
Outras Línguas Estrangeiras	0.2	0.1	0.3	0.2
Desconhecida	3.7	3.8	3.6	3.1

Fonte: INE RGPH Moçambique (2007)

Na zona sul de Moçambique, particularmente na “zona intermédia da cidade de Maputo”, as línguas bantu privilegiadas em ambientes informais não privados ou familiares, são o (Xi)ronga e Xichangana. “Estas formas linguísticas são usada não apenas em interações que envolvem os dois grupos étnicos (ronga e changana), mas também aqueles que envolvem membros de grupos étnicos diferentes dos referidos.” Por essa razão os imigrantes que se estabelecem na área sentem-se na obrigação de aprender o Xironga e Xichangana, que se vão tornando língua franca (Firmino, 2014).

2.6 As línguas bantu em Moçambique

Tendo este trabalho a pretensão de descrever alguns aspectos semânticos dos verbos de deslocação no Português falado em Moçambique, espaço onde convive com uma variedade de línguas bantu, é pertinente que também se faça referência àquelas línguas. Assim, segundo a classificação apresentada por (Guthrie, 1967 citado por Ngunga, 2004), em Moçambique existem oito grupos linguísticos, todos eles da família bantu e distribuídos em quatro zonas, nomeadas por meio de letras: G,P,N e S do norte a sul de Moçambique. Cada letra corresponde a “uma zona geográfica e genealógica das línguas”. Por exemplo, as línguas Chope ou Cicopi e Xichangana em análise no presente trabalho fazem parte da zona S. A zona divide-se em grupos que comportam várias línguas em função da proximidade ou distanciamento linguístico ou geográfico,

que reflecte algum grau de proximidade genealógica. Da zona S, fazem parte o grupo Tswa-Ronga e o grupo Copi. “O número de línguas por grupo é variável e nem todas foram inventariadas nos estudos de Guthrie” segundo (Ngunga, 2004).

Estudos posteriores realizados por linguistas moçambicanos (NELIMO, 1989) e actualizado por (Ngunga *et al* 2014), acrescentaram novas línguas que não faziam parte da lista apresentada por (Guthrie, 1967) passando actualmente a perfazer um total de vinte (20) línguas bantu existentes em Moçambique.

2.6.1 Características das línguas bantu

Para distinguir as línguas bantu das que não são bantu os estudiosos identificaram um agregado de traços comuns, típicos das línguas bantu, e com base nesses elementos estabeleceram dois critérios distintivos, denominados: Critério principal ou **A** e Critério subsidiário ou **B** (Ngunga, 2004). Cada critério comporta vários traços.

O primeiro traço do critério principal refere que as línguas bantu têm um sistema de géneros gramaticais não inferior a cinco. Género este distinto do tipo que geralmente se refere na língua portuguesa que faz referência ao masculino ou feminino. Por outras palavras, pretende-se dizer que nestes géneros não há correlação entre o género e a noção sexo. No contexto destas línguas, o termo género tem um sentido lato, sem analogia clara com a distinção natural/sexo, mas somente como uma categoria de concordância” (*idem*).

As formas de flexão características do nome em Português, aqui descritas, não são uniformes ou coincidentes com as dos nomes nas línguas bantu, pois nestas, há algumas especificidades que se passa a descrever.

2.6.2 Classes nominais

O nome é uma classe gramatical que existe em todas as línguas naturais. Normalmente serve para designar pessoas, animais, objectos, fenómenos concretos e abstractos.

Mateus *et al* (1989:365) afirma que os nomes em Português são obrigatoriamente integrados na categoria gramatical número e se distribuem por duas classes: singular e

plural. Acrescenta ainda que se flexionam em género. Por essa razão estão integrados num dos dois grupos: masculino e feminino.

No nome em línguas bantu, pode-se distinguir dois constituintes, nomeadamente um prefixo, geralmente variável em função da classe e um tema nominal invariável, salvo casos em que a natureza do segmento do prefixo desencadeia alterações morfo-fonémicas na consoante ou vogal em posição inicial do respectivo tema, mudando o último fonema do prefixo, (Ngunga, 2004). O conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou mesmo padrão de concordância designa-se classe nominal.

As línguas bantu faladas em Moçambique usam com mais frequência 13 classes de prefixos nominais, representados por uma sequência de duplas/pares constituídas por um número par e outro ímpar. O número ímpar indica os nomes flexionados no singular e o par é o plural do mesmo nome. De forma geral, as classes mais frequentes em quase todas as línguas bantu de Moçambique são as que se seguem: 1- 2; 3 - 4; 5 - 6; 7 - 8; 14; 15; 16; 17 e 18. As classes 9 e 10 são menos frequentes em relação às anteriores, mas podem ser encontradas em considerável número de línguas do país (Ngunga 2004: 121). O agrupamento dos nomes em classes foi determinado com base no critério semântico, isto é, no significado que cada tipo de prefixo de classe introduz ao nome a que é agregado. Contudo, tal critério enferma de algumas lacunas, na medida em que um mesmo prefixo na mesma língua, vezes há que ocorre em mais de uma classe, como é o caso do prefixo “*mu*”- que ocorre nas classes 1, 3 e 18. Sobre este fenómeno, (Ngunga, 2004) refere que isto demonstra que o prefixo em alusão é foneticamente estável, pois além do referido anteriormente também tem a mesma realização em quase todas as línguas. Ainda sobre as omissões do critério semântico, observamos casos de nomes, particularmente os de animais e de frutas, cujo singular não é expresso por um prefixo concreto, e por isso mesmo, no nosso entender, devia ser assinalado pelo grafema Ø e este constar da classe 5 em Xichangana e Xitshwa, o que não está reflectido na tabela apresentada em (Ngunga, 2004).

Veja-se a seguir no quadro 3, alguns exemplos ilustrativos dos prefixos de classes nominais, pese embora o estabelecimento da relação entre a forma fonética dos prefixos e o significado dos nomes de que os prefixos fazem parte constitua um campo ainda em debate entre estudiosos das línguas bantu, pois nem todos os prefixos coincidem nas diferentes LB (*idem*).

Quadro 3: Prefixos nominais segundo (Ngunga 2004).

Classes	Língua e prefixos respectivos			Significado dos prefixos	Contexto de ocorrência
	Chope	Xichang.	Xitshwa		
1	mu-	mu-	mu-	-é singular de 2	-ocorre em m -thu; mu -nhu (pessoa)
2	va-	va-	va-	-é plural de 1	- va -thu; va -nhu (pessoas)
3-	mu-	mu-	mu-	-é singular de 4	-em nomes de plantas, como: m -kusu; (mafurreira;).
4-	mi-	mi-	mi-	- plural de 3	- mi - kusu; (mafurreiras;)
5-	Di	Ø/ li/ri-	Ø /li-	- Singular de 6	-em nomes de animais e frutas: di - bhomu; Ø- bhomu (limão nas línguas Chope e Xichangana).
6-	ma-	ma-	ma-	- plural de 5	-Ødhuna; (Boi em Xichangana e Xitshwa) di - dhuna, (boi em Chope) - ma - bhomu (limões nas três línguas). - ma - dhuna (Bois, nas três línguas).
7-	ci-	xi-	ci-/xi-	- Singular de 8	- Ci - tulu em Chope; Xi -/Ci tulu; em Xichangana e Xitshwa (Cadeira).
8-	si-	swi-	zwi-	- Plural de 7	- Si - tulu; em chope; Swi/Zwi –tulu Xichangana e Xitshwa; (Cadeiras)
9	N-	N-	N-	-Singular de 10	- nguwo, ngoma; nas três línguas (capulana e batuque)
10	ti-	ti-	ti-	- plural de 9	-ti-nguwo, ti- ngoma (capulanas, batuques)

14	u-	Wu-	u-	-singular de abstratos	- Massa, coisas incontáveis.
15	Ku-	Ku-	Ku-	-Infinitivo	- Prefixo indicativo do infinitivo verbal.
16	ha-	ha-	ha-	- Locativo de situação.	-----
17	Ku-	Ku-	Ku-	- Locativo que indica a direcção.	-----
18	mu- /in-	mu-	mu-	- Locativo de interioridade.	-----

Adaptado. O símbolo de prefixo Ø (vazio) é do autor. Pois não faz parte da tabela de Ngunga (2004).

Legenda: Xichang. = Xichangana

Os prefixos correspondentes às classes 14, 15, 16, 17 e 18, tem uma função diferente de número, expresso pelos anteriores nos nomes.

A classe 15, julgamos que ainda carece de mais estudos e fundamentação, pois se a tabela ou quadro retrata os prefixos nominais, como se explica que dele conste este prefixo indicativo de infinitivo dos verbos.

“Os indicadores de género devem ser prefixos, através dos quais os nomes podem ser distribuídos em classes cujo número varia entre 10 e 20” (*Idem:50*). Esta característica é que determina que nas línguas bantu a marca ou morfema de concordância em número se efectue na posição prefixal dos nomes, adjectivos e verbos, como se pode ilustrar no exemplo abaixo.

1. Singular: ØHomo yi¹ file

Tradução literal: ‘*boi ms morreu*’

2. Plural: Ti² [homo]_N ti [file]_V

Tradução literal: *Os boi mp morreu*.

Em 1. o símbolo Ø (zero) indica que o singular geralmente não se realiza por meio de um prefixo/morfema graficamente expresso, porém esse morfema existe, mas somente está visualizado ou expresso a preceder o verbo ‘file’ (morreu) como elemento de concordância deste com o nome ‘*homo*’ (boi) e designa-se morfema aditivo, pois agrega informação semântica de número (singular) ao verbo flexionado no passado, que não contém nenhum outro morfema que veicula aquela informação. Apenas o plural é que se exprime por um prefixo com uma forma.

Esta particularidade de exprimir o singular e o plural revela que as classes se associam em pares de forma regular. Todavia, segundo Ngunga (2004), também existem gêneros marcados somente por uma única classe, isto é, em que não há oposição singular/plural. Nestas circunstâncias, o prefixo de classe pode ser idêntico ou não ao do singular ou do plural.

Dentro ainda dos critérios principais característicos das línguas bantu, ressalta o facto de: se uma palavra tem um prefixo independente (PI) ou prefixo nominal como indicador de classe, as palavras a ela subordinadas devem estabelecer com esta a relação de concordância por meio de um prefixo dependente (PD) ou de concordância.

Exemplo em Xichangana:

3. Xi_{PI}pixi xi_{PD}jile nyama.

Tradução lit. gato comeu carne.

1 Yi = É um morfema aditivo que indica a flexão do nome no singular isto é, é marca de sujeito (ms), e não constitui sufixo nem prefixo do nome ou do verbo.

2 Ti = Mp (marca de plural). Geralmente ocorre nos nome de animais plantas e frutas.

Em Chope:

4. vapifana vaptsude cikolani

Tradução lit. rapazes foram escola

O constituinte *Xi-* no nome *-pixi* é prefixo independente, indicativo do singular dos nomes da classe 5 e, o outro *xi-* na palavra/verbo *-jile* é um prefixo dependente, através do qual se estabelece a concordância entre o nome e o verbo.

O mesmo se pode dizer em relação ao exemplo na língua Chope, referido no exemplo 4. em que o constituinte *va-* no nome, *-fana* é também um prefixo independente e volta a ocorrer como prefixo dependente para efeitos de concordância no verbo *-tsude*.

Outro aspecto caracterizante das línguas bantu é o de possuírem um vocabulário comum a outras línguas, a partir do qual se pode aventar uma hipótese sobre a possível existência de uma língua ancestral comum (Ngunga 2004:51).

Sobre os critérios principais que caracterizam as línguas bantu acima referidos associam-se os critérios subsidiários, segundo os quais as LB tem um conjunto de radicais invariáveis a partir dos quais a maior parte de palavras se forma por aglutinação de afixos, com os seguintes traços:

- Os radicais têm uma estrutura básica do tipo –CVC– (Consoante, Vogal, Consoante); como se pode visualizar nos exemplos a seguir:

Xichangana:

5. -Jondz- ‘estudar-’

-CVC- de referir que a sequência gráfica de consoantes -ndz- articula-se numa única emissão de voz, por isso constitui um único som.

6. -Famb- ‘ir; andar’

-CVC-

- Juntando-se os sufixos gramaticais sobre estes radicais derivam bases verbais

7. Em Xichangana: Jondz-a ‘estuda’

8. Famb-a ‘vai/vá’

A flexão dos dois verbos para o infinitivo faz-se agregando o prefixo *ku-* a cada uma das formas acima expressas, passando a ler-se:

9. Kujondza ‘estudar’; e

10. kufamba ‘ir’.

Mais aspectos caracterizantes das línguas bantu podiam descrever-se aqui. Porém, são de pouca relevância no contexto da presente dissertação. Pelo que de seguida passa-se á revisão da literatura, onde se pretende apresentar e discutir alguns conceitos relevantes no âmbito do tema de estudo.

3º Capítulo

3.1 Revisão da Literatura e Discussão de Conceitos

Após a apresentação dos aspectos preliminares e de carácter introdutório, passa-se a dedicar este capítulo à apresentação de alguns suportes teóricos e conceitos relacionados com o tema. Sem se privilegiar um princípio teórico específico, procurar-se-á aproveitar os princípios transversais a diferentes quadros teóricos que serviram de base de sustentação na análise de dados.

3.2 Estrutura do verbo no Português

Para fazer alusão ao tempo de uma determinada acção, ao individuo que a pratica, e a outros factos, o verbo agrega alguns morfemas, o que torna a sua estrutura deveras complexa. Tal complexidade varia de língua para língua, (Ngunga 2004) e por essa razão pode ser representada de formas diferentes.

Os constituintes acima referidos, em verbos flexionados na língua portuguesa, todos ocorrem à direita do radical.

Veja-se o exemplo a seguir:

11. Ontem, [estud]**Rad** aVogal temática/Mt. MOSPS/N.

12. Amanhã, [Estud]**Rad** aVogal temática rEMt/modo-MOS PS/N

Onde: Rad.= radical

Mt= Marca de tempo

PS/N= marca de pessoa ou sujeito e número.

3.3 Os verbos nas línguas bantu

Uma das características que distingue a língua portuguesa das bantu encontra-se nos constituintes do verbo e na sua disposição em relação ao núcleo do verbo /radical.

Como se fez alusão anteriormente, os morfemas flexionais no verbo em língua portuguesa encontram-se adjuntos ao radical ou raiz, na periferia à direita deste, como se pode observar nos exemplos 11. e 12. da página anterior. Nas LB os constituintes com as mesmas funções ocorrem uns na periferia à esquerda do radical e outros na periferia à direita. Nesta segunda posição se alojam os que fazem referência ao tempo e extensões verbais.

Veja-se os exemplos abaixo na língua Xichangana:

13. vahitelile → *va Ms- hi Mo- t- Raiz el- Ext. ile- Mt/passado*
trad. Literal: ‘vieram ter’

Legenda:

Ms = Marca de sujeito

Mo = Marca de objecto

Ext. = Extensão

Mt = Marca de tempo.

-*t-* é raiz do verbo *kuta* flexionado no infinitivo.

Ngunga (2000) refere que na estrutura dos verbos das línguas bantu figuram prefixos que podem ser marca de sujeito (MS), e/ou marca de negação (MN), e pós sujeito (PS) representando a marca de tempo, que às vezes ocupa a posição depois da raiz - sufixo. Se na estrutura ocorre a marca de objecto (MO), este, sempre ocupa a posição anterior à raiz. Razão pela qual o macro tema inclui a MO e o tema flexionado, isto é, a raiz verbal, os sufixos, extensões ou Vogal final.

Quanto à marca de sujeito (MS), à semelhança da língua portuguesa, todos os nomes e os pronomes pessoais também podem desempenhar a função sintáctica de sujeito, desde que na estrutura do verbo figure um morfema co-referente do nome, pronome ou co-referente do sujeito. Geralmente, tal morfema ocupa a posição inicial da estrutura da forma verbal, Ngunga (2004). Alguns exemplos, na língua chope:

- Posição da marca de sujeito:

14. *cisondo ci^{MS} ndak^{Raiz} ide*

Tradução ‘pinto saltou’

Neste exemplo, constata-se que o verbo selecciona o correspondente prefixo de concordância com o nome (cisondo), o qual tem a função sintáctica de marca de sujeito e, ocorre na posição inicial da estrutura verbal. O prefixo MS, somente é antecedido pelo de negação quando no verbo se exprime uma negação.

- posição da marca de negação:

15. Cisondo kha_{MN} ca ndak_{Raiz} a
‘Pinto não saltou’.

Nesta frase em 15. a anteceder a raiz verbal –*ndak*- ocorre o prefixo (*ca-*), que é co-referente do nome *cisondo*, do qual se “extraiu” o morfema inicial (*ci-*), que por processos fonológicos assimilou a vogal *a*, da parte final da marca de negação *kha-*.

A seguir se apresenta a posição em que ocorrem os morfemas referentes ao tempo e aqueles que são marca de objecto na estrutura do verbo *kuteka*, o equivalente a levar em Português:

16. Vafana va tekile swibubutela
‘rapazes levaram arrufadas’.

17. Vafana [vaswitekile]
‘rapazes levaram-as’.

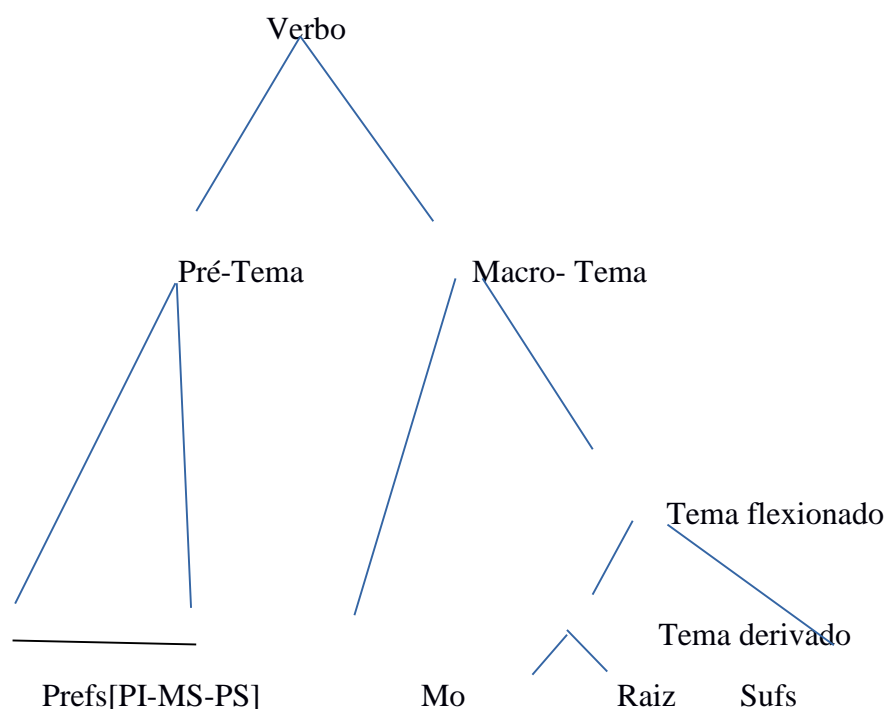
18. Vafana [vaswi tek**Raiz** ile **Mt/pass.**]

O morfema que exprime o tempo passado reportado na estrutura verbal como se pode observar no exemplo 18 é –*ile*, e ocupa, a sua posição básica à direita da raiz, posição essa que em via de regra, em estruturas morfológicas de verbos em Português é preenchida por sufixos co-referentes do objecto directo ou indirecto. Nas LB este constituinte sintáctico marca do objecto (MO) ocorre adjacente à esquerda da raiz verbal e à direita do co-referente da marca de sujeito (MS).

Observe-se o exemplo a seguir:

19. Vafana [va_{MS} swi_{MO} tek_{Raiz} ile]

A estrutura do verbo complexo com todos os constituintes acima apresentados e descritos, segundo Ngunga (2004), pode ser representada em diagrama, como documenta o exemplo:



Exts VF

Nesta representação, o pré tema congrega os prefixos Inicial (PI), [Marca de Sujeito (MS) e Pós sujeito (PS)]. Nas três línguas bantu aqui em análise o prefixo inicial (PI) geralmente é morfema ou marca de negação (MN). O prefixo (MS) é co-referente do sujeito na estrutura do verbo, e o Pós sujeito (PS) nestas línguas (Cicopi ou Chope, Xichangana e Xitshwa) somente ocorre nos verbos flexionados no futuro como se pode observar nos exemplos 16. e 17 abaixo, nos quais recorreu-se aos verbos *ir* e *vir* em análise no presente trabalho. O prefixo inicial é *kha-* tem valor semântico de negação. Sequencialmente passa a apresentar os exemplos das posições dos prefixos aqui descritos.

Demonstração do Pós Sujeito na língua Chope:

16. hinatsula → hi- MS na- MT/futur (PS) tsul- Raiz a- VF

‘iremos’

Em Xichangana e Xitshwa

17. hitafamba → hi- MS ta- MT/future (PS) famb- a VF
‘iremos’

De seguida a demonstração da posição do Prefixo Inicial na língua Chope:

18. Khavatsula → kha-MN (PI)-vaMS- tsulRaiz- avF
‘não foram’

19. Khavata → Kha-MN (PI)vaMSt-Raiz a VF
‘não vieram’

Diz-se **vogal final**, porque na estrutura do verbo esta ocupa a última posição a periferia à direita da raiz.

Todavia, em Xichangana e Xitshwa nos mesmos verbos a MN é um circunfixo, pois fragmenta-se em dois, uma parte ocupa a posição prefixal no pré-tema a outra aloja-se na posição de sufixos no tema flexionado. Exemplos:

20. avafambanga → amNVaMSfambRaizangMNa VF
‘não foram’

21. avatanga → aMN vaMS tRaiz angMN avF
‘não vieram’

Ainda nestas línguas o morfema indicativo de tempo ou marca de tempo (MT) ocupa a posição prefixal quando alude ao futuro, e ocorre na posição sufixal se se refere ao passado, isto é, ocorre como constituinte do tema flexionado.

O macro tema encerra a marca de objecto (MO). Este ocorre numa posição fixa “imediatamente antes da raiz” Ngunga (2004). O tema flexionado que subcategoriza o tema derivado e extensões verbais (Exts) e ou Vogal final (VF). Por seu turno o tema derivado é constituído pela Raiz verbal e sufixos cuja função foi anteriormente descrita. Se for um verbo simples, a sua estrutura somente contempla o prefixo (ku-), normalmente indicativo da marca do tempo infinitivo, seguido do respectivo núcleo do verbo, o radical e por fim a vogal final, como ilustra a representação abaixo, de (Chimbutane 2000):

22. [Pref [Radical verbal] Vogal final].

23. Kuta → [ku-Pref-t-RadavF]
‘vir’

Da estrutura do verbo nas línguas bantu, passa-se à discussão do conceito raiz verbal.

O conceito raiz verbal é definido por Xavier e Mateus (1992) como o constituinte da palavra que veicula o significado nuclear e não inclui os sufixos derivacionais nem flexionais. Também, (Bauer 1988 citado por Ngunga 2004), advoga que a raiz verbal é a parte da palavra que, se forem retirados todos os afixos derivacionais e flexionais se mantém inalterável. Veja-se os exemplos que se seguem com base nos verbos que motivaram este estudo, alguns na língua portuguesa e outros nas línguas bantu, Chope e Xichangana.

Dos verbos *Levar*, *Trazer*, *Ir* e *Vir* na língua Portuguesa, as respectivas raízes verbais são *lev-* ; *tr-;i-* e *v-*.

Os equivalentes na língua bantu Chope:

24. -tek- ‘levar’

25. -tek- ‘trazer’

26. -tsul- ‘ir’

27. -y- ‘ir’

28. -t- ‘vir’

E na língua Xichangana:

29. -tek- ‘levar’

30. -tek- ‘trazer’

31. -famb- ‘ir’

32. -t- ‘vir’

Nestes exemplos, e tal como se disse anteriormente a raiz não contempla nenhum afixo seja de derivação nem de flexão.

Ainda no contexto da estrutura das palavras, ocorre o conceito de radical. Este distingue-se do anterior (raiz) pelo facto de poder ocorrer com afixos derivacionais mas nunca com os flexionais.

Outro conceito que se julga pertinente no âmbito deste trabalho é o de tema verbal.

Mateus *et al* (1989) postula que tema verbal é constituído pelo radical e vogal temática. Este postulado provavelmente não se aplica às línguas do grupo bantu Pois, na estrutura dos verbos destas não figura nenhuma vogal temática (VT). Existe sim, uma vogal final (VF) invariável no infinitivo de todos os verbos, (Ngunga *idem*). Passa se a ilustrar com exemplos, o descrito por (Mateus *et al* 1989) e por (Ngunga 2004), na língua portuguesa e nas línguas bantu (Chope e Xichangana), usando os mesmos verbos nas três línguas.

Português	Chope	
Xichangana		
33. [entreg-] _{Rad} a _{VT} r	ku-[ningel-] _{Rad} a _{VF}	ku-[nyikel-] _{Rad}
a _{VF}		
34. [danç-] _{Rad} a _{VT} r	ku-[siny-] _{Rad} a _{VF}	ku-[cin-] _{Rad}
a _{VF}		
35. [viv-] _{Rad} e _{VT} r	ku-[hany-] _{Rad} a _{VF}	ku-[hany-] _{Rad}
a _{VF}		
36. [sofr-] _{Rad} e _{VT} r	ku-[xanisek-] _{Rad} a _{VF}	ku-[xanisek-]
_{Rad} a _{VF}		
37. [sent-] _{Rad} i _{VT} r	ku-[pw-] _{Rad} a _{VF}	ku-[tw-] _{Rad}
a _{VF}		
38. [dorm-] _{Rad} i _{VT} r.	ku-[wotel-] _{Rad} a _{VF}	ku-[yetl-] _{Rad}
a _{VF}		

Nos exemplos dos temas verbais na língua portuguesa estão representados os radicais com as respectivas vogais temáticas, estas últimas, a negrito. Nas línguas Chope e Xichangana estão representados os radicais com a vogal final, e como se dá a observar, em diferentes tipos de verbos flexionados no infinitivo, presente e futuro mantém-se a mesma vogal final (-a), somente não ocorre em verbos flexionados no passado, nos quais é substituída pela vogal (-e).

De seguida, passa-se a discorrer sobre a classificação dos verbos.

3.4 Classificação dos verbos

Campus e Xavier (1991) citando Gruber e Jackendoff refere que semanticamente os verbos podem ser classificados em dois grupos: verbos de movimento e verbos de localização ou estativos.

“A função semântica movimento implica a existência de um *tema*, de uma *fonte* e de um *alvo*” (Campus e Xavier 1991:90), isto é, deve existir um objecto que é movido de um ponto ou de lugar/origem a um outro lugar de destino ou estado final do tema. Por outro lado Mateus *et al* (1989:44) esclarece que se designa função semântica de um argumento “à relação semântica que cada argumento nuclear mantém com o predicator.”

“Os verbos de movimento revelam na sua interpretação semântica, a deslocação de um tema de uma fonte ou ponto de partida ou ainda estado inicial para um alvo, que é o fim da trajectória do tema ou ainda designado estado final”. Assim, o papel tema é definido relativamente aos verbos de movimento como o SN que coincide com a entidade que é deslocada ou que muda de estado (*Idem*:90).

Mais adiante, Mateus *et al* (2003) postula que os verbos de movimento se referem à proximidade ou distância relativa aos interlocutores. Em obra anterior, Mateus *et al* (1989:46) define verbos de movimento como “aqueles que exigem um argumento com função semântica de direcção e exprimem uma propriedade dinâmica que envolve a deslocação de uma dada entidade de um dado ponto/direcção de origem [Dir Orig], para outro que é direcção de destino[Dir Dst] aquela para a qual o tema é deslocado ou fim da trajectória”. Ilustra-se esta sentença com o exemplo seguinte:

39. Para a apresentação desta dissertação *vim* [de Inhambane] _{Dir Orig} [a Beira] _{Dir Dst}

Todavia, estes verbos podem ocorrer somente com um dos argumentos de direcção, como a seguir se ilustra.

40. Para a apresentação da dissertação *vim* [de Inhambane] _{Dir. Orig}

Além dos verbos em estudo Cande (2001) arrola outros como: *chegar, partir, sair, viajar e voltar*, como itens de movimento que seleccionam um argumento/objecto que se desloca da Dir. Origem para a Dir. Destino.

Os verbos de movimento opõem-se aos estativos, que exprimem a localização espacial de um objecto ou entidade relativamente à outra, sem que haja deslocação. Tais verbos subcategorizam um argumento locativo cuja função semântica é lugar, que refere ao espaço no qual a outra entidade se desloca (Mateus *et al* 1989). São eles, os verbos: *ficar e morar*. Pois estes, não exprimem nenhuma deslocação. Pelo contrário remetem a um lugar ou ponto fixo.

Exemplo:

41. O Leslie mora [no jardim]_{Lugar}.

O argumento locativo com função semântica ponto de partida/origem corresponde à entidade que coincide com o espaço a partir do qual um tema é deslocado, contrariamente ao argumento com função semântica destino, que é o ponto ou espaço para o qual o tema é movido. (*Idem*1989).

Exemplo:

42. [O coco]_{Tema} é levado [de Inhambane]_{partida/Origem} a [Maputo]_{Destino}

3.4.1 Trazer é um verbo irregular, na medida em que altera o seu radical em algumas das suas formas. Borba *et al* (1991) refere que este indica acção-processo, constrói-se com sujeito agente/causativo, e pode reger mais de um complemento.

Na situação em que rege dois complementos, um expresso por nome concreto e outro apagável de direcção significa *conduzir, transportar* (para o lugar em que está o falante), como se pode ilustrar no seguinte exemplo:

43. Os mineiros *trouxeram* a ganga para Moçambique

O mesmo verbo pode manter o complemento com nome concreto e agregar um beneficiário com a forma [*a/para* mais nome com traço + humano]. Assim, passa a ter interpretação semântica de *dar* ou *oferecer*, como se ilustra no exemplo abaixo:

44. Os mineiros *trouxeram* a bicicleta para [o Enfermeiro]_{Benef + humano}.

Quanto ao *levar*, oposto do verbo acima, Borba *et al* (*ibid*) refere que: é um verbo regular que indica acção-processo, realizada por um sujeito agente. Subcategoriza dois complementos: Objecto Directo e Objecto Indirecto. Trata-se de um verbo transitivo directo e indirecto. O OD é expresso por um nome com traço [+humano] e o OI exprimindo direcção é introduzido pelas preposições *a/para*. O verbo em causa significa; “transportar algo, em movimento de afastamento do lugar ou ponto onde se encontra o falante a um lugar/direcção distante daquele”.

Exemplo:

45. O Marcos *levou* [a criança]_{OD +hum} [à creche]_{OI Dir/Dst}

3.4.2 Verbo Ir

O verbo *ir* é irregular, pertence à terceira conjugação, e faz alusão à acção com sujeito agente podendo ser com traços [+/- humano]. Pode ocorrer com dois complementos, um de direcção, apagável, para significar “pôr-se na direcção de, ou deslocar-se.” Exemplo:

46. Quando **vai** a Beira?

O outro complemento que pode acompanhar este verbo é locativo, também apagável. Neste caso significa “seguir, caminhar, andar”;

Exemplo:

47. **Íamos** pela baía dentro de barco à vela.

3.4.3 Verbo Vir

Faz parte do conjunto de verbos intransitivos regulares, e refere uma acção com sujeito agente expresso por nome com traço semântico de + animado. É classificado como intransitivo mas, selecciona complementos regidos por preposições, como se pode observar abaixo:

48. [A Tessália] *SN/Su +anim vem* [de Londres] *sp*.

49. [O cão] *SN/Su +anim veio* [da rua a correr] *sp*.

Em função do tipo de complemento com que ocorre, o verbo em referência pode assumir diferentes significações. Quando subcategoriza um complemento de direcção apagável significa “transportar-se” ou “deslocar-se” de um ponto para aquele onde se encontra o falante, isto é,” movimentar-se de lá para aqui” Borba *et al* (1991: 1349).

50. O presidente *veio para* a janela ver o eclipse.

51. Os traficantes *vêm* desses países até Maputo?

52. Filho, *vem* a mim.

Os verbos *ir* e *vir* partilham uma propriedade, que é a de ambos serem da terceira conjugação, pois têm a vogal temática -i-. Diferem um do outro quanto à informação semântica, pois o primeiro exprime um movimento de afastamento em relação ao sujeito enunciador, e o segundo exprime um movimento contrário ou de aproximação de outrem para junto do enunciador.

Os verbos *levar* e *trazer* igualmente são semanticamente distintos, à medida que exprimem movimentos opostos, assim como quanto à vogal temática pois, em *levar* a vogal temática é -a-, isto é, do conjunto da primeira conjugação, e em *trazer* o tema é -e- enquadrado na segunda conjugação.

Desta análise constata-se que os verbos em estudo agregam-se dois a dois e formam dois pares opostos: *ir* e *levar*, par verbal que subentende um movimento de afastamento em relação ao eu/nós e *vir/trazer* outro par, que subentende a realização de um movimento de aproximação em relação a eu/nós.

Os verbos *levar* e *trazer* apesar de exprimirem uma significação oposta por se referirem a uma deslocação em sentidos opostos, ambos são lexemas deíticos, isto é, o seu significado é determinado pelo eixo central das coordenadas da enunciação. As coordenadas da enunciação têm a função de “indicar referentes no interior da situação ou contexto onde são usados” (Mateus *et al* 2003:61). Por essa razão, estão dependentes do contexto para a interpretação cabal das referências pessoais, espaciais e temporais.

O facto de o verbo veicular propriedades ou traços semânticos quanto ao tipo de sujeito ou de complementos com que pode ocorrer revela que é uma unidade lexical eminentemente regente. Assim sendo, é relevante explicar como operam os mecanismos de regência.

3.5 Regência

Numa estrutura oracional os constituintes estabelecem entre si uma relação de interdependência, para gerar um todo ou conjunto significativo. Essa interdependência entre as palavras das quais uma é complemento da outra, denomina-se regência (Cunha e Cintra 2002).

“A regência é o movimento lógico irreversível de um termo regente e um regido. Reconhece-se o termo regido por ser aquele que é necessariamente exigido pelo outro” (*Idem*:513), a palavra dependente é regida, e o termo a que ela se subordina, é regente”(*Idem*).

As relações de regência podem ser indicadas em função:

- a)Da sequência pela qual se dispõem os termos na oração;
- b)Das preposições que interrelacionam os termos, assim como;
- c)Das conjunções subordinativas em períodos oracionais compostos.

Se o núcleo frásico que subcategoriza os outros constituintes da frase for um verbo, o tipo de regência é verbal, e pode ocorrer sem nenhum conector ou preposição. Isto acontece, quando o complemento é objecto directo. Esta, designa-se regência directa. Se a regência se estabelecer através da subcategorização de uma preposição, diz-se que a regência se processou indirectamente.

3.5.1 Regência verbal

Contrariamente a outras categorias morfológicas como é o caso dos nomes, que apenas podem reger um constituinte imediato, os verbos têm uma propriedade que pode-se designar elástica, pois admitem mais de um complemento ou regência. A esta propriedade verbal chama-se diversidade de regência, e corresponde a uma variação significativa do mesmo, (Cunha e Cintra: idem). Por exemplo, o verbo *aspirar* apresenta tal variação, pois, pode reger um complemento OD ou OI, dependendo da estrutura frásica em que ocorrer, como em:

53. O Manuel *aspira* **o** ar da praia.

54. O Manuel *aspira* **a** uma promoção profissional.

Em 53. o verbo significa respirar e selecciona um SN/OD [o ar da praia], regido pelo determinante **o**, daí, pode integrar o grupo de verbos Transitivos.

Em 54. onde assume a interpretação semântica de (desejar), assim, o mesmo verbo passa à classe de intransitivos, pois, rege um sintagma preposicional (SP) de preposição **a** [a uma promoção profissional].

2.5.2 Verbo ir

O verbo *ir* faz parte do conjunto dos que configuram o estudo no presente trabalho e, indica uma acção processo³. Tem propriedades semelhantes às aludidas nos exemplos acima. É intransitivo em alguns contextos e transitivo noutros, como a seguir se passa a visualizar:

55. O Baptista *vai* [**de** barco ao serviço] **sp**.

56. *Vai*, [**o** caminho está livre] **sn**

³Acção processo exprime uma acção realizada por um sujeito agente e/ou de causação levada a efeito por um sujeito causativo, que afecta um complemento, podendo mudar o seu estado, condição, ou posição ou então algo que passa a existir.

No número 55. o verbo *ir* rege um SP/OI de preposição *de*; e em 56. o mesmo verbo tem como complemento um SN/OD, factos esses, são evidência da diversidade de regência que o caracterizam. Neste exemplo o verbo *ir* significa “siga”.

Outra característica típica deste verbo, consiste na mudança de significação, sem variar de regência, propriedade essa denominada igualdade de regência Cunha e Cintra (2002), como se pode observar nos exemplos 55 acima, e 57. abaixo:

57. A seca em Moçambique *vai* [**de** mal a pior]_{SP}

No número 55. o verbo *quer* significa transportar se em... e no exemplo 57. significa passar de...apesar da significação diferente que o verbo assume nos dois contextos, os seus complementos são ambos regidos pela preposição *-de*.

O outro verbo, oposto ao *ir* é *vir*. Significa alguém transportar-se ou mover se de um lugar (ponto de partida) para aquele onde está o falante ou deslocar-se de lá para aqui, Borba (1991: 1349). Exemplos:

58. O Leslie *vem* da escola de “chapa cem.”

59. A Marcília *vem* para concertar o computador.

Nos exemplos dos números 58. e 59. o mesmo verbo (*vir*) assume diferentes acepções e também selecciona complementos regidos por preposições diferentes.

No primeiro caso 58. é regido pela preposição *-de* e no segundo 59. por preposição *-para*.

Em outras ocasiões, o verbo *vir* ocorre com o complemento omissos ou apagados passando a significar chegar-se ou aproximar-se:

60. Àquela hora não *viriam* mais estudantes.

61. Um cardume *veio* saltando.

Em 60. a acepção do verbo é chegar, e, no número 61. passa a significar aproximar-se.

Nos dois exemplos o verbo não selecciona nenhum complemento explícito e daí, não se pode aferir que tipo de regência estabelece. Assim, se pode concluir que *vir* é um tipo de verbo com uma variação significativa no que tange à diversidade de regência.

3.5.3 Verbo Levar

O verbo *levar*, além de ser regular, propriedade essa atribuída devido ao facto de: flexionado em diferentes tempos verbais assumir variadas formas, todavia, sem variar a forma do respectivo radical. Trata-se de um verbo transitivo com sujeito agente, como ilustra o exemplo a seguir:

62. [A Tessália]_{Su/Ag} *levou* o carro.

63. * [A laranjeira]_{Su/-Ag} *levou* a mota.

No exemplo 62. o verbo seleccionou um sujeito [+hum e +agente] e rege um único complemento, OD [o carro], isto significa que com tais traço semântico e propriedade do Sujeito, este pode exercer uma acção (agente), fazer deslocar /*conduzindo* ou *deslocando* o tema/OD [o carro], de um ponto (origem) para outro (destino).

No exemplo 63. a construção é inaceitável ou agramatical, pois o sujeito tem traço [-agente] ou não agente, pelo que não tem faculdades para deslocar ou levar a mota (tema).

Quanto ao argumento externo, há casos em que este verbo selecciona “dois complementos”. Quando assim acontece, e “um dos complementos for expresso por nome humano e outro de direcção ou com a forma *a* ou *para* e o verbo flexionado no infinitivo”, tem acepção de *acompanhar*, (Borba 1991). Nesta acepção os complementos por si regidos são OD e complemento circunstancial de lugar (CCL), como ilustram os exemplos abaixo:

64. O Carlos foi *levar* [o Yanik]_{SN/OD} [à escola] _{SP/CCL}

Existem circunstâncias em que o verbo acima descrito subcategoriza dois complementos, sendo, um expresso por nome humano e outro destinatário, com a forma *para*, associado ao nome humano. Nesta forma de regência, o verbo, toma a significação de “*conduzir*” Idem. Exemplos:

65. O Secretário *levou* [a criança] _{SN/OD +hum} [SP para [a mãe] _{SN+ hum/ Dstint}].

Semanticamente, o SN/OD a criança, desempenha a função de Tema e o SN a mãe, é destinatário.

Mais ainda, este verbo pode reger dois complementos, um expresso por nome concreto mas com traço [-animado] ou não animado e outro de direcção. Nestas circunstâncias, passa a significar portar; (Idem 1991). Veja-se os exemplos:

66. Os jogadores *levaram* [SN a bola]- *anim* [SP para o campo]CCL/Dir

Analisados os exemplos, observa-se que o verbo levar de acordo com o contexto, tem uma propriedade que se pode considerar “volátil”, pois, admite várias acepções e consequentemente, mais de uma regência. (Cunha e Cintra 2002).

3.5.4 Verbo Trazer

O verbo *trazer* é irregular e transitivo directo. Ocorre com um sujeito agente e exprime uma acção processo.

Se, na acção que exprime rege dois complementos, um expresso por nome concreto e outro apagável⁴ de direcção, tem interpretação semântica de conduzir ou transportar (para o lugar onde está o falante) (Borba *et al.* 1991:1317). Exemplo:

67. O sogro trouxe [da machamba] SP origem/direcção [muita melancia] SN /Tema

Em contextos em que rege dois complementos, um expresso por um nome concreto e outro beneficiário, com a forma *a/para* mais um nome humano, semanticamente significa dar ou oferecer, como se pode observar no exemplo a seguir:

68. Trouxe [umas calças] SN /Tema + concreto [para o filho] SP/+hum Benef.

Analisados os exemplos dos números 67. e 68. conclui-se que o verbo trazer, rege complementos SN’s com função semântica de Tema, e SP’s com a de beneficiário ou destinatário

4 Apagável é aquele que é necessário à composição sintáctico-semântica do verbo, mas que de alguma forma já está previsto.

3.6 Padrões oracionais e classificação dos verbos

Tratando a regência verbal com base na noção de padrões oracionais, depreende-se que no sentido lato, o verbo se não é auxiliar, rege todos os termos da oração, e no sentido restrito rege os complementos (Luft 1987).

Segundo (Luft idem) quanto à classificação, os verbos em estudo no presente trabalho são no seu todo, pessoais, pois subcategorizam um sujeito (SU) e a sua estrutura pode ser assim representada:

69. O João [*levou*] o caderno à escola.

O verbo levar implica deslocar um determinado objecto (o caderno), de um ponto de partida para um outro de destino (à escola). Assim, nesta oração selecciona um SN Sujeito com função semântica de agente (o João); Um SN OD com função semântica de Tema (o caderno) e um SP/ OI que constitui ponto de destino (à escola). De modo que, apresenta a estrutura seguinte:

O[S V OD OI]

70. A Luciana [*trouxe*] os livros da Marta.

A partir deste exemplo, visualiza-se que o verbo *trazer* tem a mesma estrutura que a do verbo do exemplo 69.

Assim, pese embora sejam de significação oposta, os dois verbos têm o mesmo padrão oracional e quase mesmas propriedades de regência.

71. A Luísa [*foi*] ao mercado.

72. A Luísa [*veio*] do mercado.

Nos dois exemplos em 71. e 72. os verbos em análise *ir* e *vir* tem a estrutura: O[S V OI]. Por outras palavras, quer isto significar, que apesar de se referirem à deslocação em direcções contrárias, partilham a mesma estrutura: ambos são verbos pessoais e transitivos indirectos.

Nas línguas bantu, provavelmente as que exercem influência sobre o Português língua segunda (L2) em Moçambique, os verbos cuja interpretação semântica é semelhante aos em estudo, nas línguas Xichangana, Xitshwa e Chope, do sul de Moçambique, (províncias de Gaza e Inhambane), são os seguintes:

- 73. Em Xichangana, Xitshwa e Chope: ku- *teka* ‘levar’;
- 74. Em Xichangana, Xitshwa e Chope: ku- *neha* ‘trazer’;
- 75. Xichangana e Xitshwa: ku- *famba* ‘ir’;
- 76. Chope: ku- *tsula* ‘ir’;
- 77. Em Xichangana, Xitshwa e Chope: ku- *ya* ‘ir’;
- 78. Em Xichangana, Xitshwa e Chope: ku- *ta* ‘vir’

A partir destas ilustrações pode-se verificar que nas línguas em referência existem dois tipo de verbos equivalentes ao verbo ir em língua portuguesa.

Mais adiantes descrever-se-á este fenómeno.

Concluída a apresentação e discussão de alguns conceitos operatórios, passa-se à análise e interpretação de dados recolhidos no âmbito desta pesquisa.

4º Capítulo

4.1 Análise e Interpretação de Dados

Neste capítulo iremos proceder à análise de dados. Para a sua obtenção, elaborou-se um questionário com dez perguntas, o qual foi respondido por quarenta indivíduos para a amostra dos resultados colhidos.

Para operacionalizar a análise de dados, importa em primeiro lugar apresentar no quadro 3,

abaixo, o perfil Sociolinguístico dos informantes.

Quadro 3: Perfil Sociolinguístico dos informantes

Variáveis														
Sexo	Idade				Língua Materna				Líng. que Fala c/ frequên.	Grau de Instrução dos pais dos informantes				
	16 - 18	19 - 21	22 - 25	≥ 25	Port.	Xichan / Xitshw a	Chop e	Outra s	Portuguê s	Nível	Sem nível	Primári o	Secundári o	Superio r
F	10	6	2	4	13	4	0	3	18	Mãe	03	16	13	08
M	4	6	3	5	8	2	1	9	12	Pai	04	11	15	08
Total	14	12	5	9	21	6	1	12	30	Total	7	27	28	16

Legenda:

Port. = Português

Xichan. = Xichangana

Com base no perfil dos informantes, elegeu-se como variáveis de enfoque, a língua materna, a língua usada com mais frequência pelo informante em casa, o sexo, e o nível académico

concluído ou a frequentar. De seguida, procurou-se entender se há alguma relação entre estas variáveis com os casos do uso inadequado ou indevido dos verbos. Também se procedeu á análise semântica dos verbos equivalentes, em uso nas línguas bantu Xichangana, Xitshwa, Ronga e Chope ou Cicopi (Txitxopi), (segundo a realização fonética da palavra, na língua em referência) procurando verificar, se o cometimento de erros tem alguma relação com as variáveis referidas anteriormente.

Por motivo metodológico e pragmático preferiu-se proceder à análise de cada item verbal em todas as respostas em que ocorre ou devia ocorrer. De seguida, analisa-se um outro até perfazer os quatro verbos que corporizam o presente estudo.

Assim, passa-se à análise do emprego do verbo “levar”.

Observadas as respostas dadas à questão 1), constatou-se que somente quatro inquiridos fizeram uso adequado da unidade em referência, do total de quarenta informantes que perfazem a amostra, significando que os restantes trinta e seis (36) usaram-no indevidamente. No espaço onde deviam empregar o verbo *trazer*, “...trazer a capulana que a mãe lá se esquecera”, preencheram com *levar*, resultando; “...*levar a capulana que a mãe la se esquecera”, construção frásica esta, estranha do ponto de vista do Português padrão.

Do total da amostra anteriormente referida, vinte indivíduos declararam ser falantes da língua portuguesa como língua materna. Contudo, dezoito destes, no lugar de usarem o verbo trazer que seria o recomendando na resposta à questão acima, serviram-se de *levar*, com excepção de dois. Paradoxalmente, igual número de usuários de línguas bantu como maternas, usou o verbo adequado (*trazer*).

Fenómeno similar do uso indevido do mesmo verbo se pode observar na questão 4), em que um total de trinta e seis respondentes não soube aplicar o verbo *trazer* como o recomendado, tendo-se servido erradamente do seu oposto, *levar*, resultando uma construção também não comum no Português europeu, como a seguir se apresenta:

*Irei ou vou à escola *levar as notas do meu irmão mais novo.*

A frase equivalente na língua bantu Xichangana é:

79. Ndzita famba xikolweni ndziya **teka** tilhamulo ta makwerhu lwe ntsongo.

Nas respostas às questões 3), 6), 7) e 8) também se constata o mesmo problema do uso irregular do verbo *levar* em espaços em que o correcto seria *trazer*. Em sequência, são 27,14,18 e 29 inquiridos, respectivamente, que se serviram daquele verbo inadequadamente.

A título de exemplo, na resposta em 3) apresentam construções como a seguinte:

80. O Augusto foi a Maputo *levar a bicicleta que mandou comprar. Ao invés de “...foi a Maputo *trazer* a bicicleta que mandou comprar”.

Em 6) para o preenchimento do primeiro espaço em branco podia-se optar por um dos seguintes verbos: “*ir*” ou “*vir*”, em função da percepção dos informantes. A escolha de um ou de outro verbo é que determinaria o adequado para os espaços subsequentes.

Em 7), os respondentes podiam optar, à semelhança do anterior, por um dos verbos “*ir*” ou “*vir*” nos dois primeiros espaços e no terceiro. O único verbo adequado é *trazer*, atendendo que se trataria de um movimento de deslocação em aproximação ao sujeito falante. Assim sendo, a construção frásica aceitável seria:

81. “O Isaak vai ou foi brincar com os amigos, depois irá ter com o João para resolver o TPC. De regresso a casa, *trará* um dos seus amigos para o jantar.”

Nesta resposta, dezoito informantes no lugar do verbo *trazer* usou *levar*, o que gera construções estranhas na perspectiva do PE, pois a interpretação semântica deste verbo refere-se a um movimento de afastamento em relação ao ponto onde se encontra o enunciador.

O uso inadequado do verbo *levar* em todas as respostas anteriormente analisadas, entende-se que se deve à influência das línguas bantu dos inquiridos. Com efeito, no caso específico do Xichangana, Xitshwa, Xironga e Txitxopi (Chope), o verbo *kuteka* que significa *levar*, em alguns contextos, e *trazer* noutros, como se passa a ilustrar nas frases seguintes:

82. Xichangana/Xitshwa: Zanildo, *teka* hamela uya nyikela ka kokwane.

Tradução literal: Zanildo, *leva* martelo vá entregar ao avô.

83. Txitxopi: Zanildo, *teka* hamela utxa (uca) ningela ka kokwane.

Tradução lit.: Zanildo, *leva* martelo vá entregar ao avô.

84. Xichangana/Xitshwa/Xironga: Famba ka kokwane uya *teka* hamela.

Tradução lit.: Vá ao avô *trazer* martelo.

85. Txitxopi: Tsula ka kokwane uya *teka* hamela.

Tradução lit.: Vá ao avô *trazer* martelo.

Nos exemplos em 82 e 83 nas línguas bantu Xichangana, Xitshwa, Xironga e Txitxopi o verbo *kuteka* tem a interpretação semântica de deslocação de um indivíduo partindo do lugar onde está o enunciador, ponto “A”, transportando o objecto (hamela/martelo) para um outro lugar, ponto “B”, distante daquele. Neste contexto, assume o significado de “levar”. Mas, nos exemplos 84. e 85. o mesmo verbo assume o valor semântico oposto, passando a significar *trazer*.

A referência do verbo *kuteka* a dois sentidos opostos, cuja distinção somente se clarifica pelo contexto, pode ser a causa do uso desviante do verbo levar pela maioria dos falantes do Português em Moçambique.

Nas línguas em análise comparativamente com o Português, parece não existir itens lexicais graficamente distintos para significar movimento de afastamento, transportando algo para um ponto distante do de partida, e outro para significar o inverso. Usa-se o mesmo verbo para se referir aos dois movimentos opostos.

Nestas línguas, às vezes, pode-se confundir os verbos *kubuyisa*, *kuneha* com o verbo trazer em Português, pois em algumas frases, tais verbos parecem significar exactamente *trazer*, quando efectivamente significam devolver, pois, tomam como ponto de referência o objecto a ser deslocado e não a posição em que se encontra o executor do movimento, essência essa veiculada pelos verbos “levar” e “trazer” em Português.

O erro no uso destes verbos não foi cometido apenas pelos informantes cuja língua materna é bantu, mas, também por quase 80% dos que têm o Português como sua LM. Assim constatado, pode pensar-se que tal fenómeno pode ser resultado da influência das LB sobre o Português, assim como da transmissão em cascata do erro dos pais aos filhos. Pais, falantes de LM bantu que tenham aprendido o Português em contexto escolar, e provavelmente com uma aprendizagem imperfeita, particularmente nos usos deste tipo de verbos.

A seguir, passa-se a analisar o oposto do verbo anterior, isto é o verbo *trazer*.

Na questão 5) dez informantes preencheram com o verbo *trazer* no espaço em que o adequado seria *levar*, o que tornou a frase gramaticalmente inaceitável na óptica do Português padrão. É agramatical, porque o verbo *trazer* não reporta movimento de deslocar o tema (a Pasta) do ponto A para B. Exprime sim, o movimento do sujeito do ponto A para B a fim de transportar o tema daquele ponto ou lugar para o ponto de onde partiu (A).

86. “No Domingo irei/fui tomar sumo de caju quando fôr/ ía à casa da minha avó *levar* a pasta que ela pediu para comprar ”.

Empregando o verbo *trazer*, resulta a seguinte frase, semanticamente estranha:

87. “*No Domingo irei/fui tomar sumo de caju quando for/ ía à casa da minha avó *trazer* a pasta que ela pediu para comprar.”

Quanto ao preenchimento dos espaços na questão 8), dezasseis inquiridos fizeram-no empregando um verbo inadequado *levar*, o que resultou em frase agramatical, na perspectiva do PE, como a seguir se apresenta:

88. “Quando for **levar* a bicicleta da oficina...”

A agramaticalidade desta construção deve-se à violação das propriedades de regência do verbo *levar*. Pois seleciona um SN e um SP regido pela preposição *à* e não *da* como se deu a observar no exemplo anterior.

A ter-se recorrido ao verbo *trazer*, a construção seria:

89. “Quando *trouxer* a bicicleta da oficina...”

A frase do exemplo anterior 89 é do ponto de vista semântico correcta, porque o verbo principal subcategoriza o SN “ a bicicleta” e o SP regido pela preposição *de*, “da oficina”. Na nossa percepção, a troca do verbo *trazer* por *levar* não se deve ao fenómeno anteriormente descrito, da falta de distinção clara nas línguas bantu entre *levar* e *trazer*. Aqui, trata-se de um desvio de uso, consequência de uma aprendizagem imperfeita das regras sintáticas da LP.

Agora, vamos analisar o uso do verbo *vir*, que exprime o movimento de deslocação em aproximação entre os interlocutores, (Mateus 2003), ou ainda, veicula uma deslocação ou transportar-se de um ponto em direcção àquele onde está o falante, e já próximos um do outro, (Borba *et al.* 1991). Tendo como suporte estes valores, e, observando o uso do verbo em alusão nas respostas às questões 2), 5) e 10), constata-se que na segunda questão, dos quarenta informantes, vinte e um usaram-no de forma indevida, pois o adequado para o preenchimento do espaço em branco seria o verbo *ir*, com o qual ler-se-ia:

“Ao chamamento do pai, o Mário respondeu: *vou* já.”

Exprimindo através deste verbo a deslocação do respondente na direcção de quem o chama. Não se deve dizer, “ao chamamento do pai o Mário respondeu *venho já” como tem sido usual no PM e se confirmou nos dados.

O uso irregular do verbo *vir* pode estar associado ao emprego do equivalente a este nas LB, o verbo *kuta*, que, em frases similares naquelas línguas, seria o adequado para responder ao chamamento, dizendo “ndzata” ou “nata” (venho) em Xichangana e Txitxopi.

Quanto ao verbo *ir*, o seu correspondente em Xichangana e em Xitshwa é *kufamba* e, em chope é *kutsula*. Por isso, nestas línguas, empregando tais verbos para responder a um chamamento, poderia ser “... ndza *famba seyo” em Xichangana, e “*natsula kheyo”, em Chope, construções que são agramaticais na duas línguas. O correcto seria o emprego do verbo *kuta* que na língua portuguesa equivale a *vir*. Daí que se pode afirmar com alguma propriedade que o mau emprego desta unidade lexical deve-se à convivência do Português com línguas bantu, e os falantes “decalcarem” as estruturas frásicas destas em frase semelhantes na língua portuguesa. Trata-se de um desvio que em parte pode ser motivado pela influência das LB sobre o Português e não há nenhuma evidência de estar relacionado à violação das propriedades de regência do verbo *vir*. Apesar do item em análise ser de uma “variação significativa” no que diz respeito à propriedades de regência (Cunha e Cintra 2002), pois pode reger um argumento interno SP com preposição *de*, em outros contextos reger a preposição *a* assim como *para*, mas também pode constar de uma estrutura frásica sem subcategorizar um complemento explícito. Todavia, na análise aos dados, nada indica que o seu uso indevido se deve à variação de suas propriedades.

Relacionando a ocorrência de erros no uso deste verbo com as línguas maternas dos inquiridos, observa-se que da totalidade dos que o usaram indevidamente na questão 2), nove, têm o Português como LM e os outros doze são falantes maternos de diferentes línguas bantu. Contudo, neste caso, a margem ou diferença, não é suficientemente elucidativa para atribuímos o uso indevido à interferência das línguas maternas de origem bantu.

Na questão 8) dos onze que usaram indevidamente o verbo, sete têm como língua materna o Português. Elevado emprego indevido do mesmo verbo se observou na questão 10), na qual trinta e quatro dos quarenta respondentes usaram mal o verbo. Dezasseis são usuários do Português como LM e os restantes oito são de línguas bantu Xichangana e Xitshwa, e dez de língua Gitonga e outras. A maioria dos trinta e quatro empregou o verbo no futuro do conjuntivo (*vier*), produzindo frases como:

90. “Amanhã quando **vier* aí...”

Em Chope: Manguana loko *nitxita kheyo...*

Em Xichangana: Mundzuku loko *ndzita seyo ...*

O verbo correcto devia ser “*ir*” flexionado também no futuro do conjuntivo, porque o sujeito falante deseja fazer alusão à sua deslocação que pretende realizar do lugar onde se encontra se aproximar ao seu interlocutor. Deste modo a construção frásica aceitável seria:

91. “Amanhã quando eu *for* aí...”

As razões deste fenómeno são as já explicadas anteriormente. Assim, passamos à análise dos usos deste verbo pela parte dos inquiridos.

O verbo *ir* que exprime um movimento de deslocação na língua portuguesa, assim como o seu equivalente nas línguas bantu, pressupõe a existência de um sujeito agente a deslocar-se de um ponto A a ponto B. O tal verbo correspondente em Xichangana e em Xitshwa é *kufamba*, e em Chope é *kutsula*. As três línguas ora referidas também usam o verbo *kuya* com a mesma significação de *ir*.

Como se referiu no capítulo sobre a revisão da literatura, *kufamba* e *kutsula*, subentendem uma deslocação de ponto a outro sem que necessariamente tenha de se retornar ao lugar de partida. O mesmo se pode afirmar em relação ao *ir* em língua portuguesa. Contudo, o verbo *kuya* faz alusão a uma deslocação que pode ser iterativa/frequente e às vezes casual, mas sempre com retorno ao ponto de partida. Exemplos:

92. Em Xichangana: Zacaria Waya ka vana.

Trad. Literal: Zacarias vai aos filhos

93. Em Chope: Zacaria a *yide* ka vanana.

Trad. Literal: Zacarias foi aos filhos.

No exemplo em 92. O verbo no infinitivo escreve-se *ku-ya*, e neste exemplo está flexionado, *waya*, que em Português corresponde ao pretérito perfeito composto, *tem ido...a casa dos filhos*”. Assim, o verbo remete-nos para uma acção do passado, mas repetitivo, isto é, com movimentos de ida e retorno ao lugar de onde-se partiu ou iniciou a deslocação. Esta explicação é também adequada ao exemplo 93.

Na análise aos dados apurou-se que o uso do verbo *ir* pela parte dos falantes inquiridos não é muito problemático, porque não revelaram muitas dificuldades em empregá-lo em contexto apropriado. Comparando com o nível de dificuldade que experimentaram no emprego de outros verbos analisados anteriormente, verificou-se que é menos crítico, como se pode constatar na resposta à questão 9), na qual dos quarenta, houve catorze inquiridos que o usaram em contexto indevido, correspondendo a 35%.

Da observação às construções frásicas resultantes do preenchimento dos espaços em branco e dos dados empíricos da realização da língua portuguesa no quotidiano, constata-se que no discurso de alguns falantes do Português falado em Moçambique, parece coexistirem estruturas linguísticas emergentes, que caracterizam o já denominado PM, com estruturas usadas no Português padrão, (Hopper e Taugott 2003 *in* Ngunga 2014:189).

A coexistência destas estruturas deve-se a situações de contacto entre as línguas bantu e o Português europeu, onde as línguas nativas interferem, isto é, transferem alguns itens de suas estruturas para o sistema linguístico do PE. “Também já se consideram as formas desviantes como erros, por os respectivos falantes não conhecerem a gramática da LP devido à fraca exposição, e pelo facto de o sistema gramatical do Português ser difícil de aprender” (Gonçalves *et al* 1986:125).

Esta dificuldade de aprendizagem do Português pode ser verificada nos verbos de movimento em estudo neste trabalho, pois apesar de serem os mesmos no PE e PM, tornam-se distintos quanto às propriedades de regência usuais numa e noutra variante.

“No PE, os complementos de verbos de movimento são regidos por diferentes preposições segundo a função semântica que desempenham. Assim, os complementos que designam o destino ou fim do movimento, geralmente são regidos pelas preposições *a* e *para* se os complementos seleccionados pelo verbo fazem alusão ao ponto de partida ou origem do movimento, então, são regidos pela preposição *de*” (*Idem* 1986).

Observadas as construções frásicas produzidas pelos inquiridos, resultantes do preenchimento dos espaços em branco, em que usaram os verbos em análise, constata-se que em todos os contextos em que o verbo empregue é o adequado, há uma estrita relação entre esse termo regente (verbo) com os respectivos termos regidos. Todavia, o tal emprego consentâneo parece não ser consequência do conhecimento das propriedades de selecção pela parte dos inquiridos mas sim de um uso casual.

O preenchimento de espaços vazios na questão 1) feito por seis informantes, resultou a seguinte construção frásica:

94. “O Rafael foi à casa do irmão **levar* a capulana que a mãe lá se esquecera”.

O verbo *levar*, rege um complemento SN com função sintáctica OD. Todavia, não é termo recomendado para este contexto. O correcto seria o verbo *trazer*, que também rege um complemento com mesmo tipo de propriedades, como se dá a observar no preenchimento correcto apresentado por cinco informantes. Assim, se conclui que apesar do contexto semântico oposto produzido pelo uso das unidades lexicais em análise (*levar* e *trazer*), ambas partilham a propriedade de regência directa de alguns complementos, isto é, sem preposição, quando se trata de OD.

Contudo, há a frisar que estes verbos podem reger mais de um complemento, podendo ser, um OD e outros a ele inerentes, porque têm a propriedade de diversidade de regência (Cunha e Cintra 2002). Veja-se a frase elaborada ao preencher o número quatro do questionário da recolha de dados:

95. Vou à escola *trazer* [as notas]_{SN/OD} [do meu irmão]_{SP/OI}...

Neste exemplo, o verbo *trazer* rege dois argumentos internos: um SN com função sintáctica OD e em segundo plano rege um SP que tem a função de OI, embora, neste caso em concreto, se possa prescindir deste complemento. O mesmo não se verificaria numa frase como:

96. O Chirindzane, *traz* o diploma [de Aveiro]_{SP} /CCL.

Neste caso, a regência do verbo *trazer* impõe a presença do argumento SP com função temática origem ou proveniência.

Quanto aos verbos *ir* e *vir*, há a observar que têm propriedades de regência quase semelhantes às dos analisados anteriormente, pois subcategorizam além do argumento interno, também um argumento externo. O interno geralmente é SN/Su e o segundo, dependendo das especificidades dos seus constituintes, pode contemplar complementos que indicam destino do movimento, origem do movimento ou ponto de partida.

O verbo *ir*, normalmente selecciona um argumento externo regido pela preposição *a* ou *para*, exprimindo o destino do movimento ou o fim da deslocação veiculada pelo verbo. A unidade lexical *vir*, oposta à anterior refere uma deslocação na direcção contrária à expressa por *ir*, e, subcategoriza complementos ou argumentos externos regidos pela preposição *de* ou *a*. Recorre-se à primeira preposição quando se pretende fazer alusão ao ponto a partir do qual se desencadeou o movimento. A segunda preposição rege complementos cujo conteúdo semântico alude ao ponto de chegada ou fim da deslocação a realizar ou realizada.

Analisadas as propriedades de regência dos verbos em estudo (*ir* e *vir*) e os itens lexicais regidos, constata-se que, partindo das respostas ao questionário aplicado aos informantes para a recolha de dados, nada indica que se possa considerar desvio de uso ou causa para o desvio. No PM, aqueles verbos tem as mesmas propriedades de regência como em PE.

De seguida, tentaremos averiguar se existirá alguma relação entre o uso incorrecto dos verbos que corporizam o estudo, e o nível académico alcançado pelos usuários da língua portuguesa em Moçambique.

4.2 Análise comparativa da variável “nível académico” com o “uso incorrecto dos verbos” em estudo

Constatadas na análise de dados, algumas anomalias quanto ao uso dos verbos de deslocação constantes deste estudo, urge, nesta parte, procurar compreender se o cometimento de usos desviantes de tais verbos poderá ter ou não alguma relação explícita com o nível académico dos informantes. Supondo que, um elevado grau académico pressupõe considerável competência linguística, e não só, que se pode reflectir no uso correcto e cuidado da língua, recorrendo a verbos adequados a cada situação de comunicação.

Observe-se a tabela abaixo:

Tabela 1: Análise do uso dos verbos segundo o nível académico

Verbo em análise e tipo de uso	Variável		
	Nível académico		
	Médio II ano	Superior I ano	Superior IV ano
Verbo em análise	Ir	Ir	Ir
Uso incorrecto	6	8	6
Verbo em análise	Vir	Vir	Vir
Uso incorrecto	19	41	21
Verbo em análise	Levar	Levar	Levar
Uso incorrecto	48	29	38
Verbo em análise	Trazer	Trazer	Trazer
Uso incorrecto	18	26	11

No uso do verbo que refere ao movimento de afastamento do enunciador, isto é, *ir*, observou-se uma ligeira diferença no emprego incorrecto nos três níveis de informantes. Tanto os informantes frequentando o quarto (IV) ano do curso de licenciatura em gestão, regime pós-laboral, quanto aos que ainda estão a frequentar o segundo ano do curso médio em contabilidade cometeram desvios em igual número, isto é, seis para cada nível académico. Os que frequentam o primeiro nível do curso superior de licenciatura em Gestão de Mercados Turísticos usaram oito vezes o mesmo verbo de forma incorrecta.

Quanto ao verbo *vir*, que exprime a deslocação de um interlocutor aproximando-se ao sujeito falante, constatou-se, que elevado índice de emprego irregular do mesmo registou-se nos inquiridos do primeiro nível do curso superior de Gestão de Mercados Turísticos, com um total de quarenta e uma ocorrências, contra dezanove do nível médio e vinte e uma dos cursantes do quarto ano do nível superior.

No tocante ao verbo *levar*, que como se referiu nos capítulos anteriores, exprime um movimento de deslocação do falante, em afastamento em relação ao seu interlocutor, transportando algo do ponto de partida a um outro distante daquele, baixa competência no seu emprego se notabilizou nos inquiridos do nível médio, ao usarem-no indevidamente quarenta e oito vezes, superando os do quarto ano por mais dez, e os do

primeiro ano o empregaram erradamente vinte e nove vezes.

No que concerne ao verbo oposto ao acima referido, o uso indevido, foi expressivo nos informantes que frequentam o I ano do curso superior com vinte e seis casos, contra dezoito dos informantes do nível médio e onze do quarto ano.

Face ao que foi descrito sobre estas ocorrências, pode-se concluir que o uso inadequado dos itens lexicais referidos, não tem relação directa com o grau académico dos informantes, pois tanto os que ainda frequentam o nível médio quanto os do nível superior têm significativo uso desviante dos verbos analisados. Assim, pode-se afirmar com alguma propriedade, que a hipótese de influência de línguas maternas do grupo bantu sobre o Português vinga, pois há mais evidências nesse sentido, visualizadas ainda neste capítulo, na explanação anterior.

Os dados ou evidências são suficientemente ilustrativos de que no Português falado em Moçambique, os verbos que configuram este estudo têm uma interpretação semântica diferente à a que têm na variante padrão do Português, isto é, o Português europeu. Dado esse afastamento do valor semântico dos itens lexicais em análise, está comprovado que a tendência quase generalizada do uso dos mesmos com a “nova” carga semântica, já vai a quem do que se pode considerar erro linguístico ou de uso e classifica-se na dimensão de desvio. Pois como refere (Peres e Mória 2003:41), configuram desvios linguísticos “as construções ou usos lexicais ou realizações fonéticas que constituem rupturas com o subsistema ou variante de que é suposto fazerem parte e não serem integradas pela comunidade linguística de suporte”. Tal fenómeno (desvio linguístico), normalmente advém da “falta de familiaridade com os monumentos da escrita ou da ausência ou distanciamento em relação a ela, que permita a compreensão da sua orgânica e das possibilidades que oferece” (*idem*).

No caso vertente do Português em Moçambique, que convive com uma variedade de línguas bantu e outras com características também distintas daquelas, universo este, favorável ao fenómeno natural de contacto entre línguas, que “pode produzir mudança de código, transferência ou interferência, calques ou empréstimos” (Stroud e Gonçalves 1997). É de admitir, que neste ambiente, seja permissível que algumas das suas unidades lexicais fiquem em desuso ou percam o seu valor semântico primário. A tal ocorrência, pode estar associada ao facto de os poucos moçambicanos que falam o

Português o terem aprendido numa situação de intenso contacto entre este com as línguas bantu, e a sua proficiência ser insatisfatória, sem que isso, seja por insuficiência de apreender o padrão, PE, modelo de língua que se procura transmitir no ensino (*idem*).

Quase que a corroborar com o aqui descrito, o corpo docente na sua maioria, também não é falante nativo do Português que procura ensinar, e em situação de comunicação em casa não cultiva a competência nesta língua, retoma a comunidade de discurso da sua língua materna que não é o Português. Daí, não raras vezes, poder-se transferir “modelos linguísticos inconsistentes” em relação ao padrão (*Idem*), concorrendo deste modo para a “certificação” dos desvios, pois, “competências desviantes fossilizadas podem devido à frequência constituírem uma situação normal de uso” (Stroud & Gonçalves 1997 appud Selinker 1974). Por outro lado, analisada a informação de uso de línguas pelos pais dos informantes constatou-se que dos setenta e oito pais (mães e pais), somente quatro usam exclusivamente a língua portuguesa no seu quotidiano, quer na comunicação na esfera familiar e social quer na profissional. Outros trinta e quatro usam várias línguas mas, dominam melhor a língua portuguesa em relação a outras em que também têm alguma competência. Os restantes cinquenta que são a maioria, e não se declararam ter domínio em LP, se pode entender que são proficientes nas LB e em consequência, as usam com frequência na comunicação com os seus filhos ou educandos.

Comparando os dados acima com os que referem ao grau de instrução dos pais, verifica-se que apenas oito (8) pais e igual número de mães tem o nível superior; treze (13) mães e quinze (15) pais, concluíram ou tem frequência do nível secundário básico ou médio; dezasseis (16) mães e onze (11) pais tem frequência do nível primário variando de 2ª a 7ª classes; e sete (7) pais (três mães e quatro pais) não possuem nenhum grau de instrução. Com estes dados pode-se aferir que a maioria dos progenitores não alcançou um grau académico que pode conferi-los competência em língua portuguesa que os permita produzir “outputs” nela para os filhos, com correcção sintáctica e semântica isenta de interferência das suas LM, e em consequência, os seus filhos foram adquirindo a língua portuguesa com “deficiências” em alguns domínios, particularmente no sintáctico e semântico, que se vão propagando em cadeia de geração a outra, e se tornando parte da gramática comum de tais falantes.

Com este leque de evidências pode-se sustentar a sentença segundo a qual o Português

que se fala em Moçambique, particularmente no uso dos verbos em estudo, tem uma grande “dose” de interferência das línguas autóctones do grupo bantu.

(Ho ML & Platt citado por Stroud & Gonçalves *idem*:37) refere que “as condições de aprendizagem dos aprendentes, que interagem frequentemente com uma comunidade de falantes de L2, têm implicações específicas para o tipo de linguagem que é adquirido”. Refere também à importância do uso, para “o reforço e consolidação das normas não nativas da língua”, em consequência do ajustamento do discurso “às redes sociais, também não nativas em que o aprendente está inserido. As estruturas fossilizadas estão disponíveis e ocasionalmente podem ocorrer no discurso dos falantes com alguma performance na língua segunda em causa”. Este fenómeno é visível nos falantes do Português em Moçambique com alguns graus académicos de relevo, desde licenciados a Doutorados em diferentes áreas do saber. É comum e frequente em falantes que alcançaram tais níveis, o emprego do verbo *vir* para se referirem ao movimento que pretendem realizar, deslocando-se de um certo ponto ou lugar para aquele em onde se encontra o seu interlocutor, produzindo um discurso como o seguinte:

97. **virei* à tua casa amanhã muito cedo. ao invés de

98. *irei* à tua casa amanhã, muito cedo.

Isto é, empregando o verbo *ir*, segundo os bons usos prescritos na gramática do Português europeu. Usam de forma errónea o verbo *vir*, em consequência de tal prática encontrar-se quase sempre presente no discurso de muitos usuários do Português, que o aprenderam na condição de L2, cujos “inputs” foram fornecidos por professores com o mesmo estatuto em relação ao modo como aprenderam aquela língua, que também não constitui a sua língua materna ou L1.

A generalização do emprego deste tipo de desvio semântico do verbo em alusão, constitui uma evidência caracterizante da variante do Português que se vai afirmando como Português de Moçambique.

O desvio semântico é uma das alterações lexicais que ocorrem no PM, usando itens lexicais do PE, aos quais se atribui valores semânticos não nativos, ou propriedades de selecção não reconhecidas no Português padrão, (Stroud e Gonçalves 1997).

Para a maioria dos informantes desta pesquisa, cujos níveis são o segundo ano do técnico médio, Primeiro e quarto ano do superior, a sua proficiência em Português como L2, além das condições em que o aprenderam e aprendem, também depende de outros factores, como os espaços em que se servem deste para a comunicação. Muitos usam-no em domínios muito específicos da profissão como o de funcionários públicos, estudante, ou quando interagem em instituições públicas onde o Português é preferencialmente a língua de atendimento. Noutras esferas da vida social o seu reportório linguístico desenvolve-se nas respectivas línguas maternas bantu, salvo os que se identificaram como veiculares de LM o Português.

Se o erro é uma construção social, na medida em que assim é considerado, em confrontação com uma prescrição social específica, e não como algo inerente a um fenómeno linguístico físico imutável, então, faz jus, que os usos linguísticos do Português em Moçambique, não concordantes com a norma possam por um lado serem considerados como erros, porque se distanciam da prescrição, mas, considerando que a designação erro constitui uma construção sem nada de nato com a língua em si, e porque alguns itens se afastam semanticamente o bastante em relação ao PE, julgamos que se pode afirmar que os usos da língua portuguesa em Moçambique distantes do padrão europeu, são desvios, a partir dos quais está emergindo uma nova variedade do Português, a moçambicana. Assim sendo, pode-se entender que a interpretação semântica dos verbos aqui em análise, distinta à do PE, é uma construção desta sociedade (moçambicana), motivada por diversos factores anteriormente descritos como o afastamento geográfico em relação ao padrão, o que implica fraca exposição da norma aos interessados, etc.

Tomando em consideração o grau cada vez notório desse uso desviante, a “nova” carga semântica vai-se tornando aceitável, e “despercebido” o desvio, gradualmente está-se acomodando no uso corrente dos falantes, desde os sem nível académico até aos de graus mais elevados do ensino moçambicano.

O fenómeno acomodação é interpretado por (Giles *et al* 1973 citado por Firmino 2005:35), como uma “escolha linguística com vista a estabelecer harmonia interpessoal entre interlocutores”. Acrescenta ainda, que a “comunicação implica (des) ajustamento entre os falantes através da redução ou acentuação das diferenças. Na redução das diferenças o falante usa a variante que é mais adequada ao ouvinte”... Provavelmente,

seja esta a causa do emprego desviante, quase generalizado do verbo de deslocação *levar* no Português falado em Moçambique, em construções como a referida na pergunta 8) do questionário: “Quando for **levar* a bicicleta da oficina...” Este tipo de construção é quase comum na maioria dos falantes, ao invés de “Quando for *trazer* a bicicleta da oficina” ou quando *trouxer* a bicicleta da oficina. Mas, é nossa percepção que os utentes que assim falam, não têm consciência de que o fazem erradamente. Na sua competência o uso daquele verbo e naquele contexto, é considerado normal e linguisticamente correcto.

A realização deste trabalho tem por objectivo analisar o valor semântico dos verbos *ir* vs *vir* e *levar* vs *trazer* no Português falado em Moçambique e trazer mais elementos que possam sustentar a posição segunda a qual, este é uma variante própria de Moçambique com características próprias que a diferenciam da variante Padrã europeia. As evidências demonstradas neste capítulo permitem-nos tecer algumas ilações finais, pelo que, passamos às conclusões.

5º Capítulo

5.1 Conclusão

A língua portuguesa tem milhões de falantes por quase todo o mundo. Porém, o ponto nuclear do surgimento desta língua encontra-se na Europa – Portugal, e por ser o gérmen do surgimento e ponto a partir do qual se disseminou o Português por outras regiões, onde hoje também é falado, considera-se a variante europeia como a de referência ou Padrão em relação a outras existentes ou que possam existir.

O presente estudo, foi realizado tendo como foco de análise o valor semântico que os verbos de deslocação *ir* vs *vir* e *levar* vs *trazer* têm no Português falado em Moçambique, pois tem se a percepção de que os verbos em questão tendem a ganhar semântica diferente em relação a que veiculam no Português europeu e daí, aprofundar os pressupostos segundo os quais em Moçambique está em formação uma variante do Português com algumas características que tendem a afasta- se do europeu.

Confrontada a literatura que faz o retrato e descrição do fenómeno variação do Português em Moçambique, e interpretados os dados obtidos para o estudo, verifica-se que há elementos suficientes que possam sustentar a percepção da emergência em Moçambique de uma variante do Português com mudanças ou alterações a nível de algumas unidades lexicais, bem assim a nível semântico.

As línguas bantu que são a L1 da maioria em Moçambique, exercem uma notável influência ou interferência sobre o Português neste território, especialmente no emprego do verbo *levar*, cujo equivalente nas línguas Chope, Xichangana e Xitshwa é *kuteka* verbo este, com valor semântico que se pode considerar dúbio ou ambíguo na óptica do Português, porque nas LB a sua interpretação semântica varia de acordo com o contexto. Em alguns contextos significa *levar* e noutros pode significar *trazer*. Esta variação semântica induz os seus falantes ao erro, no contexto da comunicação em língua portuguesa, em que devem usar os verbos em alusão.

Outro desvio marcante no PM, manifesta-se no emprego do verbo *vir*, cujo correspondente nas LB é *kuta*. Numa frase semelhante à do número 2. do questionário (responder ao chamamento), o falante chamado ou respondente diria “ ... nata ou ndzata...,” forma esta que traduzida para a língua portuguesa ficaria “venho” (verbo

vir), quando devia ser “vou”, (do verbo ir). Assim, conclui-se que o desvio que leva ao emprego do verbo *vir* ao invés de *ir*, deve-se à interferência da língua bantu sobre o Português, propiciando que os falantes de LB numa interação em LP, decalquem as estruturas sintáticas ou semânticas das suas L1 que apresentam alguma semelhança com as do Português e as transferem para este.

Outro factor que sustenta a emergência de uma variante de Português moçambicanizada, que tende a afastar-se do padrão, é a aprendizagem imperfeita das regras sintáticas da LP por alguns falantes, como os pais e professores. Em consequência, na ignorância, disseminam em cadeia os erros aos filhos ou aos seus alunos, que os acomodam no seu vocabulário e passam a fazer parte do seu repertório quotidiano.

Percebido que alguns usos linguísticos do Português em Moçambique, não são concordantes com a norma e dela se distanciam, são uma construção da sociedade moçambicana, motivada por factores anteriormente descritos, pode-se afirmar que são esses usos desviantes que alicerçam a nova variedade do Português, confirmando desta forma a conjectura inicial, segundo a qual, no processo de aprendizagem do Português, os aprendentes transferem alguns traços dos verbos das respectivas línguas maternas para o Português, que como refere (Weinreich, 1968 citado por Hoffman, CH.1991) ocorre interferência nos bilingues, como resultado da sua familiaridade com mais de uma língua. E por frequência de uso dos elementos interferentes, fossilizam tais traços, e integram-nos no seu léxico corrente.

Refuta-se a hipótese 1 a qual predizia que o contacto entre as línguas bantu faladas pela maioria de indivíduos que têm a língua portuguesa como L2, não é, em si, factor para a mudança semântica dos verbos em análise. O estudo provou que o contacto entre estas línguas concorre sim, para a mudança semântica dos verbos analisados.

5.2 Recomendações

O trabalho aqui apresentado teve como foco a busca de fundamentos ou elementos que ajudassem a compreender o valor semântico que os verbos *ir* vs *vir* e *levar* vs *trazer* têm no Português de Moçambique, relacionando esse valor semântico com a possibilidade deste resultar da interferência das línguas bantu, que são línguas maternas da maioria dos falantes do Português em Moçambique.

Nesta comparação privilegiou-se as línguas Chope, Xichangana e Xitshwa, faladas predominantemente na região sul de Moçambique, por serem as que temos alguma competência para a interpretação dos enunciados nelas produzidos.

Assim, as conclusões a que se chegou, reflectem a interferência daquelas línguas sobre o Português, facto que favorece ao desvio. Todavia, não julgamos ter esgotado as possibilidades de análise dos factores que são a cerne do desvio do valor semântico dos verbos acima referidos no Português de Moçambique. Pelo que, mais estudos poderão aprofundar esta análise e quiçá, despoletar outras *nuances* sobre o fenómeno descrito, a bem da formulação de algumas estratégias de ensino da língua portuguesa em Moçambique, tendo em consideração o contexto de intenso contacto que esta tem com as línguas nativas de estrutura bantu que são as L1 da grande maioria da população.

Bibliografia:

BORBA, F. e tal, (1991). *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*, UNESP, São Paulo.

CANDE, Elsa. (2001). *O Argumento Locativo dos Verbos de Movimento no Português Falado por Crianças no 3º Ano de Escolaridade*. Monografia em Linguística. UEM – Maputo.

CAMPOS, M. & XAVIER, M. (1991). *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.

CHIMBUTANE, F. S. (2000). *Gramatical Functions in Changana: Types, Properties, and Functions Alternations*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Austrália: Australian National University.

CUNHA, C. & CINTRA, L. (2002). *Nova Gramática do português Contemporâneo*, , Lisboa, Editora João Sá da Costa. 14ª edição.

DIAS, H. et. al, (2009). *Português Moçambicano: Estudos e Reflexões*. Maputo, Imprensa Universitária.

Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, (1977). São Paulo, Encyclopédia Britânica do Brasil Publicações Ltda.

DUARTE, INÊS. (2000). *Língua Portuguesa: Instrumentos de Análise*. Lisboa, Universidade Aberta.

FIRMINO, Gregório. (2005). “*A Questão Linguística*” *Na África Pós-Colonial: O Caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique*. Maputo, Texto Editores.

GARMADI, J. (1983). *Introdução À Sociolinguística*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

GIL, António Carlos. (1999) *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo, Editora Atlas S.A.

GONÇALVES, P. (2005). *Dinâmicas Do Português Em Moçambique*. (Comunicação em Jornadas de Língua Portuguesa). (Artigo)

GONÇALVES, P. (1996). *Português de Moçambique: Uma variedade Em Formação*. Maputo, Livraria Universitária.

GONÇALVES, P. , N. LOUZADA & NGUNGA, A. (1986). *O Português em Moçambique: Análise de Erros em Construções de Subordinação*. Maputo, INDE.

HOFFMAN, CH. (1991). *An Introduction to Bilingualism*. Longman, London & New York.

INE, III Recenseamento Geral da População e Habitação (2007). Moçambique, Maputo.

INE, II Recenseamento Geral da População e Habitação, (1997). Moçambique, Maputo

LOPES, A. J. (1997). *Política Linguística Princípios e Problemas*. Maputo, Livraria Universitária- UEM.

LUFT, Celso Pedro, (1987). *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática.

MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E.M. (2007). *Metodologia Científica*. São Paulo, Editora Atlas S.A. 5ª Edição.

MARTINS, José do Prado, (1999). *Administração Escolar: Uma Abordagem Crítica do Processo Administrativo em Educação*. São Paulo, 2ª Edição, Atlas S.A.

MATEUS *et al.* (2003). *Gramática de Língua Portuguesa*. Lisboa, Caminho-Colecção Universitária, 5ª Edição, Série Linguística.

MATEUS, *et al.* (1989). *Gramática de Língua Portuguesa*. . Lisboa, Caminho-Colecção Universitária, 4ª Edição, Série Linguística.

NELIMO (Núcleo de Estudos de Línguas Moçambicanas) 1989. *I Seminário sobre a Padronização de Línguas Moçambicanas*. Maputo, Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação/Universidade Eduardo Mondlane.

NGUNGA, A. - Editor, (2014). *Temas de Gramática de Línguas Bantu I*. Maputo,

Colecção : As nossas Línguas XIII. CEA-UEM.

NGUNGA, A. (2004). *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo, Imprensa Universitária.

NGUNGA, A. (2000). *Phonology and Morphology of The Ciyao Verb*. California, CSLI. Publications Stanford Junior University.

PERES, J. & Moia, T. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa, Caminho Editorial.

POVENNE, J. (1992). *The Unmaking Of an african Bourgeoisie*, Lourenço Marques, Mozambique. Boston, Boston University, African Studies Center.

STROUD, CH. & GONÇALVES, P. (1997). *Panorama do Português Oral de Maputo: A Construção de um Banco de "Erros"*, Maputo, INDE.

VILLALVA, A. (2008). *Morfologia do Português*. Lisboa, Universidade Aberta.

WEINREICH, V. (1995). *Languages in Contact: Findings and Problems*. New York, Humanities Press.

XAVIER, M. & MATEUS, M. (Org). (S/D). *Dicionário De termos Linguísticos*, Associação Portuguesa de Linguística e Instituto de Linguística Técnica e Computacional. Lisboa, Vol. I Edições Cosmos.

Apêndice

Prezado(a)!

A bem da investigação e da ciência, vimos solicitar a sua contribuição no preenchimento do questionário abaixo, que faz parte do trabalho de pesquisa científica para a conclusão do curso de mestrado. O mesmo é dirigido aos alunos do **1º ano do curso Médio de Técnicos de Contas; do 1º ano de Licenciatura em Gestão de Mercados Turísticos, Informação Turística; 4º ano do curso de Gestão (Pós laboral)** na Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane (ESHTI);

Todos os dados fornecidos serão analisados de forma confidencial e anónimo.

Antecipadamente, se agradece pela sua colaboração.

Informação geral sobre o inquirido

1. Sexo: _____
2. Idade: ____ Curso ou ano que frequenta _____, onde _____
3. Língua materna ou a primeira língua que começou a falar quando criança _____
4. Outras línguas que fala _____
5. Com que idade aprendeu a falar o português _____
6. Que língua fala frequentemente em casa? _____
7. Em que ano começou a frequentar a escola? _____
8. Quando entrou na escola onde frequente atualmente? _____
9. Outras escolas frequentadas (onde): _____
10. Localidade e província onde nasceu: _____
11. Localidade/cidade e província onde vive atualmente: _____
12. Data (ano) de chegada ao local onde vive actualmente: _____
13. Pessoas com quem vive: _____

Questionário

Completa os espaços em branco usando os verbos: **Ir/Vir; levar /trazer** adequadas, **(onde julgar conveniente)** em conformidade com cada caso.

1-O Rafael _____ a casa do irmão _____ a capulana que a mãe lá se esquecera .
(**levar/ trazer; ir/vir**).

2- Ao chamamento do pai o Mário respondeu _____ já. De regresso ao grupo
_____ consigo meia dúzia de bolos para nós. (**levar /trazer ; Ir/Vir**)

3. O Augusto _____ a Maputo _____ a bicicleta que mandou comprar.
(**Ir/vir; trazer/Levar**)

4-_____ à escola _____ as notas do meu irmão mais novo. (**trazer/levar/;
ir/ vir**)

5- No domingo _____ tomar sumo de caju quando _____ à casa da
minha avó _____ a pasta que ela pediu para comprarmos. (**Levar/trazer;
Ir/vir**)

6- Durante as férias escolares as crianças _____ passear pelas praias
_____ os seus brinquedos de preferência. De regresso _____ conchas
de ornamentação para os amigos.(**Levar/trazer; ir/ vir**)

7- O Isaak _____ brincar com os amigos depois, _____ ter com o João
para resolver o TPC. De regresso a casa _____ um dos seus amigos para o jantar.
(**Levar/trazer; Ir/Vir**)

8- Quando _____ a bicicleta da oficina _____ consigo uns 50,00Mt
(cinquenta meticais) e compra uma válvula de ar. (**Levar/trazer; ir/ vir**)

9- Na companhia de alguns amigos, as 15horas o César _____-me ao campo,
onde _____ jogar voleiball. (**Levar/trazer; ir/ vir**)

10- Amanhã, quando eu (Vir/ir) _____ aí, _____ (Trazer/levar)
as tuas fotos, e, de regresso _____ de volta. **Obrigado!**

Correcção do questionário

Questionário

Completa os espaços em branco usando os verbos: **Ir/Vir; levar /trazer** adequadas, **(onde julgar conveniente)** em conformidade com cada caso.

1-O Rafael foi à casa do irmão trazer a capulana que a mãe lá se esquecera. **(levar/ trazer; ir/vir).**

2- Ao chamamento do pai, o Mário respondeu: vou já. De regresso ao grupo trazia /trouxe consigo meia dúzia de bolos para nós. **(levar /trazer ; Ir/Vir)**

3. O Augusto foi/vai a Maputo trazer a bicicleta que mandou comprar. **(Ir/vir; trazer/Levar)**

4- Irei /you à escola trazer as notas do meu irmão mais novo. **(trazer/levar; ir/ vir)**

5- No domingo irei tomar sumo de caju quando for à casa da minha avó levar a pasta que ela pediu para comprarmos. **(Levar/trazer; Ir/vir)**

6- Durante as férias escolares as crianças foram/vão passear pelas praias levando os seus brinquedos de preferência. De regresso trouxeram /trazem conchas de ornamentação para os amigos. **(Levar/trazer; ir/ vir)**

7- O Isaak vai brincar com os irmãos, depois, irá ter com o João para resolver o TPC. De regresso a casa trará um dos seus amigos para o jantar. **(Levar/trazer; Ir/Vir)**

8- Quando for trazer a bicicleta da oficina leva consigo uns 50,00Mt (cinquenta meticais) e compra uma válvula de ar. **(Levar/trazer; ir/ vir)**

9- Na companhia de alguns amigos, as 15horas o César virá levar -me ao campo, onde vamos/iremos jogar voleiball. **(Levar/trazer; ir/ vir)**

10- Amanhã, quando eu (Vir/ir) for aí, trarei (Trazer/levar) as tuas fotos, e, de regresso levo-as de volta.

Corpus

Apresentamos o corpus de algumas das evidências da forma do emprego dos verbos ir/vir e levar/trazer, no português de Moçambique.

1- ...* venho aí.

2- ...* A Josefina tem alface para nós. Vai lá levar.

3- ... João, vem cá.

Resp. *venho já.

4- Quando é que vens nos visitar?

Resp. *Vou vir no fim de semana.

5- ...* No sábado vou a casa da Joana levar a minha pasta que ficou no dia da festa dela.

6- ...* estou a vir, espera por mim.